

# CONVERGÊNCIA

Abril 2003 Ano XXXVIII nº 361

ISSN 0010-8162



- ◆ O Batismo, fonte de todas as vocações
- ◆ Espiritualidade das águas na Bíblia
- ◆ "Opção" pelos pobres – Realidade central da vida religiosa
- ◆ O caminho do discipulado – A boa notícia na memória da mulher
- ◆ III Fórum Social Mundial (FSM)



CRB

# Sumário

EDITORIAL .....	129
PALAVRA DO PAPA .....	133
INFORME CRB .....	136
ARTIGOS .....	140
O Batismo, fonte de todas as vocações .....	140
ALOÍCIO CARDEAL LORSCHIEDER, ARCEBISPO DE APARECIDA - SP	
Espiritualidade das águas na Bíblia .....	150
JACIR DE FREITAS FARIA, OFM	
“Opção” pelos pobres - Realidade central da vida religiosa .....	162
FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR	
O caminho do discipulado - A boa notícia na memória da mulher .....	177
IR. IVONI FRITZEN	
III Fórum Social Mundial (FSM) .....	183
PE. JOSÉ ERNANE PINHEIRO	

*A ilustração da capa da Convergência 2003 é uma cópia da obra EMAÚS - serigrafia, do artista sacro Cláudio Pasto. O quadro chama atenção para a centralidade do seguimento de Jesus na Vida Religiosa e para a celebração do Ano Vocacional.*



## CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

### DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

### REDATOR RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB  
(Reg. 12679/78)

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Romi Auth, FSP  
Pe. Francisco Taborda, SJ  
Pe. Jaldemir Vitória, SJ  
Pe. Cleto Caliman, SDB

### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar  
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

### PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

LetraCapital Editora

Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402  
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-3781

Fax (21) 2224-7071

E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*

Assinatura

Anual

para 2003

Brasil: R\$ 80,00

Exterior: US\$ 85,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Número avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8.50



# Editorial

## O risco de seguir Jesus

IR. MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI

A temática do caminho é recorrente nos textos do Antigo Testamento, expressando as diferentes maneiras como um povo nômade vai construindo sua vida e sua história. Além da dimensão geográfica, a metáfora do caminho tem, muitas vezes, uma conotação simbólica. É o símbolo de opções éticas e espirituais, de decisões livres da pessoa humana: "Ando pelo caminho da justiça, através dos sendeiros da equidade" (Pr 8,20); "escolhi um caminho na verdade" (Sl 118,30). Mas *caminho* é símbolo, também, da misericórdia compassiva de Javé, que "mostra o caminho aos pecadores, dirige os humildes na justiça e ensina seu caminho aos pequeninos" (Sl 24,10). No salmo 17, o povo de Deus recorda seu longo caminho pelo deserto até à terra prometida, e o salmo 118 lembra que esse caminho é a lei do Senhor.

No Evangelho, o *caminho* não é a lei, mas uma pessoa: Jesus Cristo. É preciso "caminhar nele" (Cl 2,6), que é "o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6); quem o "segue, não anda nas trevas"

(Jo 8,12). Em diferentes momentos da narrativa dos Atos dos Apóstolos, a vida cristã é descrita como *caminho* (9,2; 18,25; 24,22).

À luz desses dados bíblicos, pode-se compreender que toda consideração sobre Jesus torna-se particularmente relevante para a existência cristã a partir da ótica do *caminho*, do seguimento. Sem o seguimento de Jesus não há existência cristã. Sem aderir de coração ao caminho de Jesus, e percorrê-lo existencialmente na fé, não se chega a ser cristão/ã. O seguimento, por sua própria dinâmica situacional, leva da adesão à pessoa de Jesus ao compromisso com a sua causa, o que significa reproduzir na própria existência muitos dos traços, das escolhas, dos gestos, dos riscos de Jesus. Ou seja, leva a aderir à pessoa concreta de Jesus na sua prática histórica e no seu destino.

Característica dessa prática histórica de Jesus e do seu destino é a conflitividade. De fato, Jesus viveu e atuou num mundo submetido ao poder do *pecado*, numa sociedade tecida de contradições,

na qual, em nome da lei de Deus, muitas vezes, se negava o amor e se escamoteava a justiça. Nessa sociedade, Jesus anunciou o Reino de Deus como uma *nova criação*, livre do poder opressor cristalizado em estruturas religiosas e políticas; como o *reinado de Deus*, que é *kairós*, graça e, simultaneamente, exigência de conversão em todos os níveis da existência. Isso ajuda a compreender por que a experiência da conflitividade seja constitutiva do seguimento. “Não é o discípulo mais que seu Mestre”, “se perseguiram a mim, também vós sereis perseguidos”. Sem essa dimensão de conflitividade o seguimento corre o risco de ser idealista e meramente ideológico.

A páscoa de Jesus – morte e ressurreição – será sempre um evento particularmente denso e desvelador da vida de Jesus na sua totalidade e, ao mesmo tempo, da conflitividade inerente ao *caminho* de Jesus e ao *caminho* do discípulo.

Nesse tempo de quaresma que estamos vivendo e de proximidade das celebrações pascais, religiosos e religiosas são particularmente chamados a se confrontar com a metáfora bíblica do *caminho*, a deixar-se testar na autenticidade do seu seguimento, pela Palavra discernidora do Evangelho. Até que ponto o *caminho* de Jesus configura o *caminho* da Vida Religiosa hoje e lhe dá plausibilidade histórica? Que traços e decisões de Jesus a Vida Religiosa está sendo especialmente pro-vocada a reproduzir hoje no seu *caminho*, de maneira mais clara e convincente?

À luz do itinerário quaresmal e do evento da páscoa, muitos desafios do

atual contexto mundial ganham relevância especial e, até mesmo, caráter de urgência para os discípulos/as de Jesus. O mundo está cada vez mais violento e dividido. O *escândalo* da exclusão social ganha proporções inéditas. A fragilidade no equilíbrio das relações internacionais torna-se uma crescente ameaça para a paz mundial. Colocar-se do lado daqueles/as que não se rendem a tal situação e se empenham na busca de alternativas, significa opor-se à *racionalidade* e à ética do sistema dominante, aos interesses espúrios dos *fazedores* de guerra. Significa, por isso mesmo, aceitar a inevitabilidade do conflito na experiência do seguimento de Jesus, caminhando com ele na contração do sistema e do poder. Na medida em que esta conflitividade é de fato assumida, torna-se claro que, para ajudar a reverter a situação histórica, é preciso identificar-se sempre mais com os *caminhos* e o destino de Jesus, até à morte e ressurreição. É preciso acreditar no mistério do “grão de trigo” e deixar-se conduzir pela ação transformadora do Espírito de Jesus ressuscitado, presente na história, suscitando *caminhos* de esperança e de paz.

Convergência, neste mês de abril, quer fazer chegar às comunidades, a seus leitores e leitoras o augúrio de uma profunda experiência pascal, impregnada da paz de Jesus ressuscitado, dom maior que a humanidade almeja de maneira singular nessa conturbada conjuntura histórica. Quer também colocar à disposição dos leitores um rico material de leitura e reflexão, apto a dinamizar sua busca de fidelidade criativa e

seus caminhos de refundação no seguimento de Jesus.

“O Batismo, fonte de todas as vocações” – do Cardeal D. Aloísio Lorscheider, é um texto sugestivo e inspirador, que versa sobre o lema do ano vocacional da Igreja no Brasil. O autor fundamenta bíblica e teologicamente o significado do batismo, como fonte das diferentes vocações na Igreja. Lembra que “o batismo, como os demais sacramentos, é um ato salvífico de Jesus Cristo; é um sinal eficaz da graça regeneradora; é vida nova do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que inicia a caminhada de cada ser humano; é a aliança nova em ato.” Os ritos do batismo são vistos e comentados à luz da teologia do Vaticano II, de maneira clara e iluminadora, colocando em relevo o grande desafio do cristão/ã de hoje de revitalizar constantemente o seu compromisso batismal no quotidiano da existência.

Jacir de Freitas Farias, OFM, no artigo – “Espiritualidade das águas na Bíblia” – apresenta uma reflexão sobre a água na perspectiva bíblica, de grande atualidade e pertinência. Para o autor, a espiritualidade do povo de Deus está impregnada pela experiência das águas. “Patriarcas, matriarcas, profetas e reis, sábios da corte e do povo, gente da cidade e do campo, fazedores da lei e do culto, todos eles vivenciaram a experiência das águas bíblicas”. O texto analisa várias passagens do Antigo Testamento onde a presença das águas é sinal para o povo ou exerce importante papel na sua história. Mostra como Jesus retoma, em vários momentos da sua vida e da sua pregação, a imagem das

águas, em estreita relação com a vida. Na conclusão, o autor apresenta de forma sucinta os grandes eixos dessa experiência do povo de Deus e chama atenção para o crucial desafio da humanidade num futuro próximo, ou seja, a prevista e anunciada escassez de água potável no planeta.

O artigo de Francisco de Aquino Júnior – “Opção pelos pobres, realidade central da Vida Religiosa”, é uma excelente reflexão de caráter teológico sobre a opção pelos pobres, tal como foi vista e formulada pelos participantes da XIX Assembleia Geral CRB: – “opção preferencial, audaciosa, atualizada”. Uma tríplice motivação animou o autor no desenvolvimento do texto: – a convicção de que a opção pelos pobres é central e decisiva no seguimento de Jesus; – a percepção de quanto bem a Vida Religiosa tem feito aos pobres deste mundo; – a constatação de quanto a Vida Religiosa tem se distanciado, nos últimos anos, dos empobrecidos e excluídos e, conseqüentemente, do Deus de Jesus. O artigo articula-se em quatro grandes eixos: – A Vida Religiosa como um caminho de seguimento de Jesus Cristo; – a opção pelos pobres como realidade constitutiva, essencial e fundamental da Vida Religiosa; – a opção pelos pobres hoje; – os pobres são nossos juizes e senhores. Em cada um desses eixos, o assunto é tratado com seriedade teológica e lucidez evangélica, e, simultaneamente, com a empatia de quem trata de se identificar na vida com o Jesus dos pobres e servir os pobres deste mundo.

Desde o Vaticano II, o paradigma “Seguimento de Jesus Cristo” tornou-se

uma âncora para a vida religiosa. A partir do final do século XX, um outro paradigma se acrescenta a esse: "O caminho do discipulado" com seu corolário: "O discipulado de iguais". Pouco a pouco, a lugar e missão da mulher na história do cristianismo vem sendo resgatado de diversas maneiras: cúmplice, companheira, discípula, anunciadora, ministra, diaconisa... Irmã Ivoni Fritzen faz uma memória da mulher como Boa Notícia no seguimento de Jesus. Resalta que "Estar no caminho do discipulado é um convite a todo ser humano, aos homens e mulheres, jovens e idosos. Não há privilégio no convite". Seu artigo nos impele a aprofundar o chamado dentro da dinâmica do Espírito "que unifica em Cristo o que concretamente refaz a vida, desde os seus comportamentos de respeito, de reciprocidade, de igualdade".

Um significativo setor da Vida Reli-

giosa do Brasil participou, ainda que de diferentes maneiras, do III Fórum Social Mundial. Foi uma ocasião privilegiada de marcar presença na organização e mobilização da sociedade civil na busca de uma *outra possível globalização*, sem excluídos, e pela paz mundial. O texto de José Ernane Pinheiro - "III Fórum Social Mundial" - apresenta, em grandes linhas, os principais objetivos, realizações, metas, celebrações e o alcance desse evento de singular relevância no contexto mundial de hoje. O texto é também uma chamada de atenção para a gravidade do momento histórico que vive a humanidade e uma interpelação à Vida Religiosa para somar forças com todos aqueles e aquelas que *sonham* com a construção de um mundo novo, sem exclusão, sem guerras, onde a justiça e a paz floresçam e dêem frutos de solidariedade e liberdade.

**“A fragilidade no equilíbrio das  
relações internacionais  
torna-se uma crescente ameaça  
para a paz mundial”**



# Palavra do Papa

## Mensagem do Papa João Paulo II para a Quaresma de 2003

*Caríssimos Irmãos e Irmãs,*

1. A Quaresma, tempo "forte" de oração, de jejum e de compromisso com todos os que passam necessidade, oferece a cada cristão a possibilidade de se preparar para a Páscoa através de um sério discernimento da própria vida, confrontando-se especialmente com a Palavra de Deus, que ilumina o itinerário quotidiano dos crentes.

Este ano, como guia da reflexão quaresmal, queria propor a frase dos Atos do Apóstolos: "A felicidade está mais em dar do que em receber" (20,35). Não se trata de uma simples solicitação moral, nem de um imperativo externo ao homem. A inclinação ao dom está inscrito genuína e profundamente no coração humano: cada pessoa percebe o desejo de entrar em contato com os outros, e realiza-se plenamente a si própria quando se dá livremente aos outros.

2. Infelizmente, a nossa época está influenciada por uma mentalidade particularmente sensível às sugestões do egoísmo, sempre pronto a despertar-se

no espírito humano. No âmbito social, em particular nos *mass media*, a pessoa é freqüentemente solicitada por mensagens que insistentemente, de modo aberto ou dissimulado, exaltam a cultura do efêmero e do hedonismo. Mesmo não deixando de atender aos outros por ocasião de calamidades ambientais, de guerras ou de outras emergências, de modo geral não é fácil promover uma cultura da solidariedade. O espírito do mundo altera a inclinação interior para o dom desinteressado de si mesmo aos outros, induzindo a satisfazer os próprios interesses particulares. O desejo de acumular bens é sempre mais incentivado. É, sem dúvida, natural e justo que cada qual, através do uso das próprias qualidades e o exercício do próprio trabalho, se esforce por obter aquilo de que necessita para viver, mas a exagerada ambição de possuir impede a criatura humana de abrir-se ao Criador e aos seus semelhantes. Como são válidas em todas as épocas as palavras de Paulo a Timóteo: "A raiz de todos os males é o amor ao dinhei-

ro, por causa do qual alguns se desvia-ram da fé e se enredaram em muitas aflições" (1Tm 6,10)!

A exploração do homem, a indiferença pelo sofrimento alheio, a violação das normas morais são somente alguns dos resultados da ambição de ganho. Frente ao triste espetáculo da persistente pobreza que atinge boa parte da população mundial, como não reconhecer que o lucro perseguido a todo custo e a falta de atenção efetiva e responsável pelo bem comum concentram uma grande quantidade de recursos nas mãos de poucos, enquanto o resto da humanidade sofre na miséria e no abandono?

Fazendo apelo aos crentes e a todos os homens de boa vontade, desejo reafirmar um princípio óbvio por si mesmo, apesar de não raro desatendido: é necessário procurar não o bem de um restrito círculo de privilegiados, mas a melhoria das condições de vida de todos. Somente sobre este fundamento se poderá construir aquela ordem internacional, orientada realmente para a justiça e na solidariedade, que todos almejam.

3. "A felicidade está mais em dar do que em receber". Aderindo à solicitação interior de dar-se pessoalmente aos outros sem nada pretender, o crente experimenta uma profunda satisfação interior. O esforço do cristão em promover a justiça, o seu empenho na defesa dos mais débeis, a sua ação humanitária de conseguir pão para quem falta e de curar os enfermos atendendo a todas as emergências e necessidades, extraem força daquele singular e inesgotável tesouro de amor que é a entrega

total de Jesus ao Pai. O crente é levado a seguir os passos de Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, que, numa perfeita adesão à vontade do Pai, despojou-se e humilhou-se a Si mesmo (cf. Fl 2,6 ss) entregando-se a nós com um amor total e desinteressado, até à morte na cruz. Do Calvário irradia, de um modo eloqüente, a mensagem do amor trinitário pelos seres humanos de cada época e lugar.

Santo Agostinho observa que somente Deus, o Sumo Bem, é capaz de vencer as misérias do mundo. A misericórdia e o amor pelo próximo devem, portanto, brotar de uma relação viva com Deus e a Ele referir-se constantemente, pois a nossa alegria consiste em estar junto de Cristo (cf. De civitate Dei, Lib. 10, cap. 6; CCL 39, 1351 ss).

4. O Filho de Deus amou-nos primeiro, quando "éramos pecadores" (Rm 5,8), sem nada pretender, nem impor-nos a priori qualquer condição. Diante desta constatação, como não ver na Quaresma a ocasião propícia para corajosas opções de altruísmo e generosidade? Ela proporciona a arma prática e eficaz do jejum e da esmola para lutar contra o desmedido apego ao dinheiro. Privar-se não só do supérfluo, mas também de algo mais para distribuí-lo a quem passa necessidade, contribui para aquele desprendimento de si próprio sem o qual não há autêntica prática de vida cristã. Além disso, o batizado, alimentando-se com uma contínua oração, demonstra a efetiva prioridade que Deus assume na sua existência.

É o amor de Deus infundido em nossos corações que deve inspirar e transformar



o nosso ser e o nosso agir. Que o cristão não se iluda de poder conseguir o verdadeiro bem dos irmãos, se não vive a caridade de Cristo. Mesmo se conseguisse modificar importantes fatores sociais ou políticos negativos, todo o resultado seria efêmero sem a caridade. A mesma possibilidade de dar-se pessoalmente aos outros é um dom e brota da graça de Deus. Como ensina S. Paulo, "Deus é que produz em nós o querer e o operar segundo o seu beneplácito" (Fl 2,13).

5. Ao homem de hoje, muitas vezes insatisfeito com uma existência vazia e efêmera e à procura da alegria e do amor autênticos, Cristo propõe o próprio exemplo convidando a segui-lo. A quem O ouve, Ele pede para consumir a vida pelos irmãos. Desta dedicação, nascem a plena realização de si mesmo e a alegria, como demonstra o exemplo eloqüente daqueles homens e mulheres que, renunciando à própria tranqüilidade, não hesitaram em gastar a própria vida como missionários nas diversas partes do mundo. Testemunha-o a decisão daqueles jovens que, animados pela fé, abraçaram a vocação sacerdotal ou religiosa para colocar-se ao serviço da "salvação de Deus". Prova-o o número sempre maior de voluntários que, com imediata disponibilidade, dedicam-se aos pobres, aos anciãos, aos enfermos e a quantos padecem necessidade.

Recentemente assistiu-se a uma louvável competição de solidariedade pelas vítimas das inundações na Europa, dos terremotos na América Latina e na Itália, das epidemias na África, das erup-

ções vulcânicas nas Filipinas, sem esquecer as outras partes do mundo ensanguentadas pelo ódio ou pela guerra.

Nestas circunstâncias, os meios de comunicação social realizam um significativo serviço, tornando mais direta a participação e mais viva a disponibilidade para apoiar quem se encontra no sofrimento e em dificuldade. Às vezes não é o imperativo cristão do amor que motiva a intervenção em benefício dos outros, mas uma natural compaixão. Mas, quem assiste o necessitado goza sempre da benevolência de Deus. Nos Atos do Apóstolos, lê-se que a discípula Tabita foi salva, porque fez bem ao próximo (cf. 9,36 ss). O centurião Cornélio obtém a vida eterna pela sua generosidade (cf. ib. 10,1-31).

O serviço aos necessitados pode ser, para os "afastados" um caminho providencial para encontrar a Cristo, porque o Senhor se excede no prêmio por todo o dom feito ao próximo (cf. Mt 25,40).

Desejo vivamente que a Quaresma seja para os crentes um período propício para propagar e testemunhar o Evangelho da caridade em todo o lugar, pois a vocação à caridade constitui o âmago de toda autêntica evangelização. Isto mesmo confio à intercessão de Maria, Mãe da Igreja. Seja Ela quem nos acompanhe no itinerário quaresmal. Com tais sentimentos, de coração, abençôo a todos com afeto.

Vaticano, 7 de janeiro de 2003

*Joannes Paulus n. II*



## CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil

### 20 anos vivendo a unidade e caminhando na esperança

Quem já participou de celebrações com irmãos e irmãs de outras igrejas e nelas percebeu verdadeira e sincera comunhão, certamente saiu abençoado. Experimentou o que diz o salmo 133: "Oh como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!... ali ordena o Senhor a sua benção e a vida para sempre". Essa experiência sempre de novo fazemos nos encontros promovidos pelo CONIC. A muitos foi dado perceber o que significa caminhar com pessoas que são ecumênicas de coração. Ecumenismo é uma questão de profunda espiritualidade e não pode ser uma encenação. Ou ele é verdadeiro ou não existe. Percebe-se quando grupos ou pessoas estão, de fato, despidos dos seus preconceitos e abertos para o diálogo autêntico. Diálogo ecumênico não comporta temor, nem desconfiança! É que nele nos encontramos como irmãos e irmãs. Estamos sob o mesmo Cristo. Assim ninguém necessita estar na defensiva. Não há lugar para preconceitos, nem para

tentativas de converter o outro para a própria igreja, nem para disfarçados intentos de denominação.

O diálogo que o CONIC vem promovendo ao longo de seus vinte anos de existência, está baseado em humildade, lealdade, pureza de intenções e paciência. Acima de tudo, porém, está o amor.

É neste sentido que os cristãos de Éfeso são chamados a andarem de modo digno da sua vocação, a saber: preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Isto deverão fazer "com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-se uns aos outros em amor" (Ef 4,2).

Os cristãos são chamados à unidade, mas em nenhum momento se exige deles uniformidade. Aliás, desde o início, as comunidades cristãs tiveram diferenças de pensamento, de maneira de ser e de se expressar. Importava respeitar as diferenças e manter a unidade!

Sabemos que, mais tarde, a igreja tantas vezes excluiu quem pensava diferente

e esmagou tendências minoritárias. As igrejas se dividiram. Mas graças a Deus, torna-se cada vez mais forte a consciência que a divisão é contrária à vontade de Deus. A divisão entre os cristãos é um escândalo para o mundo e um obstáculo para o testemunho comum. Muitas igrejas, pelo mundo afora, sentiram a dor da separação e passaram a empenhar-se pelo cumprimento do desejo de Cristo "que todos sejam um".

Em nosso país, Deus chamou corajosos líderes de igrejas e os colocou no caminho da unidade. Eles iniciaram, em 1975, os "Encontros de Dirigentes" que se tornaram a base para a criação do CONIC.

A idéia de fundar um Conselho Nacional de Igrejas já apareceu no ano anterior, num Seminário Internacional Católico - Luterano, no Rio de Janeiro.

As condições eram favoráveis. Já existia a CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço), organismo de colaboração ecumênica. Havia também entidades como o CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) e outras. Havia a Confederação Evangélica do Brasil, mas a mesma estava em crise e não mostrava abertura para a colaboração da Igreja Católica Romana.

Algo novo devia surgir! Assim, os Dirigentes propuseram oficialmente a criação de um Conselho Nacional de Igrejas, "aberto ao diálogo e à colaboração com quaisquer outras organizações Eclésia, sem intenção de substituí-las ou competir com seus programas" (doc. Do CONIC 5, p.53).

Após longo e belo caminho de preparação surgiu, finalmente, o CONIC. Nos

dias 17 e 18 de novembro de 1982, realizou-se com muito júbilo e gratidão, na Vila Betânia, em Porto Alegre - RS, a Assembléia Constituinte do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil.

Desde então, os trabalhos vêm acontecendo de acordo com os objetivos ali traçados, sempre dentro das possibilidades de frágeis estruturas.

O CONIC atua basicamente em duas dimensões:

Em primeiro lugar busca a aproximação entre as Igrejas.

Provê às mesmas de importantes espaços para promover continuamente o estreitamento de seus laços fraternos e para a superação de divergências históricas e doutrinárias.

Entre as atividades concretas poderíamos mencionar o Encontro de Dirigentes Nacionais de Igrejas. É onde os Bispos-Primazes, Presidentes e Moderadores discutem questões de interesse das várias igrejas.

Merece ser lembrada, também, a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, um dos projetos mais conhecidos. Ela é importante instrumento para a remoção de barreiras que dificultam a caminhada ecumênica. A oração conjunta tem poder de cura. Sara feridas seculares! Costuma-se dizer que a oração é a alma do ecumenismo. A Semana vem crescendo de ano para ano, graças ao poder do Espírito. As celebrações, porém, não se restringem à Semana de Oração. Elas acontecem ao longo de todo calendário litúrgico.

As oportunidades para se celebrar em conjunto podem ser as mais diversas. Às vezes, é necessário destacar eventos

especiais. Assim, o CONIC promoveu, em Brasília, uma solenidade para a recepção, em nosso país, da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação, assinada por Católicos Romanos e Luteranos, em Augsburg, Alemanha, dia 31 de outubro de 1999.

Destaques merecem, ainda, os estudos e reflexões sobre questões teológicas relevantes para a missão da igreja, tais como: Batismo, Matrimônio Interconfessional, Manipulação Genética e Ética, Hospitalidade Eucarística, Igrejas e Ministério.

O CONIC também tem-se ocupado com o diálogo inter-religioso e inter-cultural, onde sua atitude é de rejeição tanto do indiferentismo quanto de todo tipo de proselitismo. Em outras palavras, sua atitude é de diálogo simultaneamente aberto e crítico. Mas, o que no último período mais marcou a vida do CONIC foi a Campanha da Fraternidade 2000- Ecumênica sob o tema "Dignidade Humana e Paz - Novo Milênio sem Exclusões", cuja lembrança está muito viva nas comunidades pelo país afora. Os resultados superaram expectativas.

Além da aproximação entre as igrejas, o CONIC atua ainda numa outra dimensão: promover a solidariedade frente aos problemas que angustiam o nosso povo. Neste particular adquiriu grande respeitabilidade por seu inequívoco apoio a movimentos sociais de base e seu posicionamento claro em relação a temas de urgência e relevância, muitas outras vezes polêmicos. Algumas áreas foram requerendo um tratamento mais sistemático, tanto pela abrangência

quanto pela persistência dos problemas em pauta.

Somente a título de exemplo: já nos anos 80, as Igrejas filiadas ao CONIC manifestaram preocupação com a situação da dívida externa do Brasil. Nos dias de hoje a composição da dívida é outra.

Ela permanece mais ameaçadora. Por isso, em julho de 1998, o CONIC, a CNBB e a CESE organizaram o Simpósio sobre Dívida Externa, que reuniu especialistas brasileiros e estrangeiros, representantes de Igrejas e entidades da sociedade civil.

O Simpósio ressaltou a necessidade da ruptura com a dependência dos capitais estrangeiros, com as estruturas de denominação. Está em jogo a dignidade de vida da grande maioria da população. O documento final traz proposta e traça linhas de ação que podem ser de ajuda para as igrejas. No seguimento foram realizados o Tribunal da Dívida e o Plebiscito Nacional da Dívida externa.

Além disso, o CONIC, através das suas comissões de trabalho, promove o combate ao racismo e a toda forma de discriminação.

Importante são, também, as declarações públicas em que as igrejas tomam posição comum perante a realidade brasileira.

Neste ano, o Conselho completa 20 anos de existência. É um KAIROS, é uma ocasião propícia para uma parada. Fecha-se, por assim dizer, um ciclo. Faz-se necessário um processo de revisão e de estabelecimento de estratégias para os novos desafios. As representações regionais do CONIC cer-

tamente haverão de desempenhar um papel decisivo na nova fase. Igualmente importante é a decisão da última Assembléia Geral de criar nova categoria de membros. São os membros fraternos, que podem ser igrejas ou instituições ecumênicas. Já se filiaram CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviço, KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço, CENACORA - Comissão Ecumênica Nacional de Combate ao Racismo e a Igreja Bielorrussa Eslava e

CESEP - Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização.

Olhando para trás, temos motivos de sobra para agradecer a Deus por toda comunhão e fraternidade que ele permitiu nascer através do CONIC.

E para o futuro pedimos, humildemente, que ele nos fortifique no caminho da unidade, rumo ao Reino.

---

Erviño Schmidt é Pastor da IECLB e Secretário Executivo do CONIC

**“A divisão entre os cristãos  
é um escândalo para o mundo  
e um obstáculo para  
o testemunho comum.”**

# Artigos

## O Batismo, fonte de todas as vocações

ALOÍSIO CARDEAL LORSCHIEDER, ARCEBISPO DE APARECIDA-SP

### Introdução

É com este título que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil lançou o Ano Vocacional. O batismo é o sacramento fundamento de todos os demais. É a porta dos sacramentos e a porta da Igreja. Sem o batismo válido, nenhum sacramento é válido. É o sacramento **fundacional** da Igreja.

É interessante notar como os evangelistas sinóticos mostram o início do ministério de Jesus logo após a teofania acontecida na oportunidade do batismo de Jesus no rio Jordão. A voz do Pai, vinda do céu, o Espírito Santo pousando sobre Jesus em forma de pomba, o próprio Jesus saindo das águas: *"Este é o meu Filho bem amado; nEle pus todo o meu agrado"*, ou então: *"Tu és meu Filho, eu hoje te gerei"* (Lc 3,22) adquirem um significado muito particular. *"Os céus se rasgaram"* (Mc 1,10; Mt 3,16; os céus se abriram; Lc 3,21; o céu se abriu), significa que uma nova era começou. Não é só mais o batismo de água de João Batista, mas é o batismo no Espírito Santo e o fogo (Lc 3,16) que

impulsiona a Jesus em sua missão redentora.

O batismo, como os demais sacramentos, é um ato **salvífico** de Jesus Cristo; é sinal eficaz de graça regeneradora; é a vida nova do Pai e do Filho e do Espírito Santo, que inicia a caminhada de cada ser humano; é o enxerto em Cristo, encontro de união íntima com Ele e por Ele com o Pai e o Espírito Santo: *"Ninguém vai ao Pai a não ser por mim"* (Jo 14,6). É a **nova aliança em ato**: *"Eis que faço novas todas as coisas"* (Ap 21,5).

O batismo, com efeito, encontra-se na ordem de toda e qualquer vocação cristã.

### A vocação

Trata-se de um **chamado** de Deus. É Deus quem chama. O primeiro grande chamado acontece quando Deus nos chamou à **existência**. A nossa existência é obra da vocação divina. É Deus quem nos chama à vida. Deus-Vida chama-nos à vida. É preciso não esquecer esse atributo divino, que, como os outros atributos, nos diz quem é Deus. Deus tem a vida em si mesmo (Jo 5,26). Ele comunica-a aos

demais. E Ele quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas (cf. At 17,25). Jesus, na ocasião de sua fala sobre o pão da vida, diz: *"Iguamente como o Pai que me enviou vive, e eu vivo pelo Pai, assim também quem de mim se alimenta viverá por mim"* (Jo 6,57). Por isso, o próprio Jesus pode dizer de si mesmo: *"Eu sou a vida"* (Jo 14,6). Pois bem, Aquele que é a vida, chamou-nos a **sermos**. *"Eu sou quem sou"* (Ex 3,14). *"Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou até vós"* (Ex 3,14). O nosso ser parte do ser de Deus. **A nossa primeira vocação** é ser no mundo a manifestação do ser de Deus. O nosso ser, o nosso existir, a nossa vida, depende totalmente de Deus que nos chama à existência. E na continuidade de nossa existência Deus continua a nos chamar.

### **Participantes da divina natureza**

Deus não só nos chama para sermos imagem e semelhança Sua, mas também para nos tornar os seus íntimos. Por preciosas e magníficas promessas torna-nos participantes da natureza divina (2Pd 1,4). Na origem dessa vocação está **o santo batismo**.

O batismo por Jesus lança-nos na total intimidade divina, coloca-nos no seio do Pai (Jo 1,18), depois de nos fazer renascer da morte para a vida nova de Cristo Ressuscitado. Tornamo-nos **nova criatura**; somos **orientados** para Deus em todo o nosso ser e existir. É a vida de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo que começa a pulsar em nós: *"Vim para que tenham a vida e a tenham em abundância"* (Jo 10,10). É preciso nascer da água e do Espírito para

poder entrar no Reino de Deus (Jo 3,5). É o novo nascimento, o nascimento dos que não nasceram nem do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas nasceram de Deus (Jo 1,13).

### **O sentido de batismo**

Em nossa língua usamos o termo *"batismo"*. Nem sempre damos conta do seu profundo significado. *"Batismo"* é palavra de origem grega. Compulsando um dicionário da língua grega e procurando a palavra *"baptizoo ou bapto"*, temos como resultado *"submergir, mergulhar"*. Somos, pois, submersos, mergulhados em Deus. Quando dizemos: *"eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo"*, estamos de fato dizendo: *"Eu te mergulho no Pai, no Filho e no Espírito Santo"*. No texto grego em Mt 28,19: eis tó ónoma indica **direção, orientação**, dirijo, oriento, **para o nome**, que é, sem dúvida, um hebraísmo para dizer **pessoa**. Oriento o batizado **para, na direção**, do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Para o seu culto, o seu serviço.

Torna-se assim compreensível a palavra metanoíia. Quando Nosso Senhor diz em Mc 1,15 ou Mt 4,17: metanoí te, Nosso Senhor quer nos dar uma ordem: **mudai de direção, mudai de orientação**. Em seguida dá a motivação: pois o reino de Deus está aí, chegou, tornou-se o próximo de cada um de nós. Indica também o que é necessário fazer: **crer no Evangelho** (Mc 1,15) e **ser batizado** (Mc 16,16).

Pelo batismo, pois, fomos lançados na direção da Santíssima Trindade, fomos até submersos, **imersos, mergulhados**, na pessoa do Pai e do Filho e do Espírito Santo. O batismo lança-nos em uma direção

oposta à direção na qual nos lançou o pecado. Por essa nova orientação, somos realmente **transformados**, recebemos uma **nova veste**: *"Todos vós que fostes batizados na direção de Cristo, vestistes Cristo"* (Gl 3,27) e tornamo-nos **um só** em Cristo (Gl 3,28). Dessa forma, podemos entender melhor o que São Paulo diz na 1Cor 10,31 e Cl 3,17: *"Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo em nome de Jesus Cristo para a glória de Deus Pai"*. Estamos envolvidos por Deus. Objetivamente falando o nosso habitat tornou-se Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Subjetivamente falando, é necessário viver conscientemente dentro desse habitat, crescendo na intimidade divina. Vem aí a vida de oração, a vida sacramental, a prática das virtudes, sobretudo das virtudes teológicas, sem esquecer as virtudes morais. É todo um estilo de vida que muda!

É interessante notar que, na atual economia da salvação, entramos nesse habitat por Jesus. Ele Filho e nós filhos no Filho. Pela natureza **humana** de Jesus, hipostaticamente unida à natureza divina, isto é, unida à natureza divina pela pessoa do Verbo, tornamo-nos participantes da natureza divina. O Filho, segundo a própria palavra do Pai no batismo de Jesus e depois no monte Tabor, é o **agápetoos**, o bem-amado, o dileto, o Filho do seu amor (Cl 1,13), e nós somos os **eegapéeménoi**, os bem-amados, os diletos, os queridos do Pai (cf. Cl 3,12-13).

Formamos **um só** com Cristo Jesus, **um só** com Deus, **um só** com todos os nossos irmãos e irmãs, formamos a grande **agapè**: o grande idílio do amor divino! Aqui con-

viria aprofundar o próprio mistério da Igreja, que é a **caridade** do Pai, do Filho e do Espírito Santo, refletindo-se no mundo, especialmente na criatura racional. O capítulo 15 de Jo: a alegoria da videira e dos ramos, e o capítulo 17 de Jo, a oração da unidade, da comunhão, ou oração sacerdotal, onde este conceito de ágapè adquire toda a sua força. É termo que se encontra nos Santos Padres para significar a Igreja. Desse modo já percebemos como **batismo e Igreja** estão estreitamente ligados.

## Outros Cristos

O batismo centraliza a vida cristã em Cristo Jesus e por Ele, com Ele e nEle, na Ssma. Trindade.

Pelo batismo deixamos de ser de nós mesmos; tornamo-nos propriedade de Cristo Jesus (1 Cor 6,19; Rm 6,3-4; 1Cr 12,13; Gl 3,26-28). *"Somos todos filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Todos vós que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus"*. **Um só em Cristo Jesus. Um Outro Cristo.** Tradicionalmente se dizia do sacerdote que ele era um Outro Cristo. Este modo de dizer, porém, não era completo. Já todo cristão é um Outro Cristo, porque pelo batismo incorporado em Cristo. O sacerdote é Outro Cristo em sentido mais pleno. Mas já o crismado é Outro Cristo de modo mais pleno do que só o batizado. *"Mortos, pois, ao pecado, vivamos para Deus em Cristo Jesus Nosso Senhor"* (Rm 6, 10).

O batismo significa, de fato, **consagração total** a Deus, a seu serviço. Deus



plantou em nosso ser a sua bandeira de conquista, imprime em nosso íntimo um sinal, um distintivo indelével, uma marca, que eternamente nos liga a Ele: ligados a Ele, crucificados para o mundo, a carne e o demônio; segregados de alguma forma. O caráter batismal impresso em nosso ser chama continuamente a vida de Deus em nós.

Significativo nesta linha de pensamento é o rito da sagração de igrejas e o próprio rito do batismo. As paredes ungidadas, a nossa frente unguida. Somos na realidade Outros Cristos. Formamos **um** com Cristo, **um** com Deus, **um** com todos os nossos irmãos. Crucificados com Cristo, ligados com Cristo a Deus, ocultos com Cristo em Deus (Cl 3,3), templos com Cristo da Santíssima Trindade, ordenados à vida eterna.

**Deus entra em nosso ser**, introduzindo-se em nós introduz-nos em sua intimidade; entramos na comunidade divina das Três Pessoas, na comunhão de conhecimento e amor delas. Submersos, mergulhados em Deus Uno e Trino... Se quiséssemos dar-nos um lugar no seio trinitário, poderia dizer com toda a propriedade: **somos filhos no Filho!**

### Conseqüência para a vida

No campo moral o batismo significa: **vida celeste, seguimento total de Jesus**. Qual a norma suprema da vida de Jesus. *"O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou"* (Jo 44,34). O mesmo respeito, o mesmo amor, a mesma vida, a mesma perfeição cá na terra como lá no céu: *"Seja feita a vossa vontade na terra como no céu"* (Pai Nosso). A nossa perfeição deve ser a do Pai do céu: *"Sêde*

*perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito"* (Mt 5,48): *"Sêde santos como eu sou santo"* (Lv 19,2; 1Pd 1,16): *"Dou-vos um novo mandamento que vos ameis uns aos outros como eu vos amei"* (Jo 13,34).

O reino do céu, um reino de adoradores do Pai em espírito e verdade (Jo 4,23). Ora, o mesmo ideal haja aqui na terra como no céu. Orientação de todo o nosso ser e agir para Deus; tudo voltado para a eternidade. Orientação de todo o nosso ser e agir para o nosso próximo; amor profundo e total para com os irmãos e as irmãs. A caridade dominando a nossa vida, a vida do batizado! É a nova humanidade dos que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus (Jo 1,13), dos que nasceram do seio do Pai como o Filho unigênito, que está no seio do Pai (Jo 1,18).

### Tríplice vocação

O batismo, inserindo-nos em Jesus Cristo, torna-nos participantes do seu múnus **profético, sacerdotal e régio**.

Este tríplice múnus marca toda e qualquer vocação cristã.

**O múnus profético** está em relação com a transmissão e vivência da mensagem divina. O profeta é aquele que fala em nome de outro; no caso, em nome de Jesus Cristo, em nome de Deus: *"Muitas vezes e de muitos modos falou Deus outrora aos nossos pais pelos profetas; mas ultimamente falou-nos por seu Filho, que constituiu herdeiro de tudo, por quem igualmente criou o mundo"* (Hebr 1,1-2). Cristo, **o Profeta por excelência**: *"A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou"* (Jo 7,16). Daí a necessi-

dade para o Povo de Deus de estar impregnado da Palavra de Deus. O conhecimento sempre mais profundo da Sagrada Escritura, de toda a Revelação, faz parte da autêntica vida cristã! Todo Povo de Deus deve exercer este múnus, mas de modo muito especial os pais, os padrinhos, os professores, os (as) catequistas.

**O múnus sacerdotal** relaciona-se com Eucaristia e com os demais sacramentos, e também com as boas obras: a índole sagrada e orgânicamente estruturada da comunidade sacerdotal é efetuada tanto através dos sacramentos como através do exercício das virtudes.

Através da Eucaristia (oblação e recepção) e dos demais sacramentos (recepção, celebração, administração) o Povo de Deus exerce o seu sacerdócio litúrgico-sacramental; através das boas obras e das virtudes exerce o seu sacerdócio espiritual, prolongamento na vida cotidiana do sacerdócio litúrgico-sacramental: *"Rogo-vos, pois, irmãos, pelo amor de Deus, que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa, agradável a Deus; este é o vosso culto espiritual (=culto em espírito e verdade?). Que não vos conformeis (= não tomeis como forma, como esquema, de vossa vida) a este século, mas vos transformeis pela renovação da mente, para que possais conhecer qual a vontade de Deus, boa e agradável e perfeita"* (Rm 12,1-2).

Este **sacerdócio comum** dos fiéis difere do **sacerdócio ministerial ou hierárquico** não só **gradualmente**, mas **essencialmente**. São distintos em sua essência, mas não estão **separados**. Um está ordenado para o outro. Um e outro, cada qual a seu modo, participa do úni-

co sacerdócio de Cristo. A distinção situa-se no campo das funções. Há funções que só podem ser exercidas pelo sacerdócio ministerial, hierárquico, como sejam a celebração da Eucaristia, a celebração do sacramento da Penitência ou Reconciliação. Requer-se o poder da ordem, a ordenação.

**O múnus régio** está conexo com o domínio sobre todas as coisas criadas. No início da humanidade Deus constituiu o homem **rei** da criação e a mulher **rainha** da mesma: *"Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre os pássaros dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre os répteis que se arrastam sobre a terra... Frutificai e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a"*. Deus disse: *"Eis que eu vos dou toda a erva que dá semente para que vos sirvam de alimento. E a todos os animais da terra, e todos os pássaros dos céus, e tudo o que se arrasta sobre a terra, e em que haja um sopro de vida, eu dou toda a erva verde por alimento"* (Gn 1,26-30). Uma só exceção Deus fizera: *"Deu-lhes este preceito: Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim, mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente"* (Gn 2,16-17). Com esta exceção Deus pedia ao homem um ato de religião; Deus é o Senhor Absoluto, o Rei de tudo; o homem (mulher) **subordinado a Deus**, também será Senhor, Rei do Universo. Esta subordinação do homem a Deus se manifestaria pela observância daquele preceito, manifestar-se-ia pelo respeito para com a árvore da ciência do bem e do mal. Ora, o homem,

seduzido pela serpente infernal, decaiu desta sua grandeza, deixou-se dominar pela criatura: *"a mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente"* (Gn 3,6). O resultado foi imediato: *abriram-se-lhes os olhos; viram que estavam nus, esconderam-se da face do Senhor*" (Gn 3,7-8). E Deus castiga, deixando ao homem usar da criatura em meio a grandes tribulações: Gn 3,16-19. **Desde então a luta do homem com a natureza:** difícil o trabalho; incerto o alimento; pesada a vida de família; forte a concupiscência. O múnus régio exercer-se-á nestes campos através de uma vida de renúncia, de desapego, que encontra o seu auge na observância dos conselhos evangélicos: domínio sobre os bens materiais pela pobreza; sobre os bens sensíveis, os bens da família, pela castidade; os bens espirituais, a própria vontade, pela obediência. O homem deve fermentar as coisas temporais com o espírito de Cristo, deve realizar a *"consecratio mundi"*. O caminho real da santa cruz!

O exercício desse tríptico múnus caracteriza todas as vocações. É assim que o batismo é fonte de todas as vocações. Viver o batismo, significa viver o tríptico múnus de profeta, sacerdote, rei (apóstolo, pastor), nas diversas vocações específicas: matrimônio, vida consagrada, ministério sacerdotal.

## O batismo e a vida consagrada

O Vaticano II diz no decreto *"Perfectae Caritatis"*, 5, que os membros de todo e qualquer Instituto puseram toda a vida

ao serviço de Deus, "o que constitui uma consagração especial, que se radica ultimamente na consagração do batismo e a exprime mais perfeitamente".

Os consagrados(as) exprimem mais perfeitamente a consagração batismal. O que define mais especialmente a consagração religiosa é a castidade consagrada. Ela é o primeiro e mais essencial vínculo sagrado dos conselhos evangélicos (Exortação Apostólica, Vita Consecrata, 14). É o que o Sínodo Mundial dos Bispos sobre a vida consagrada em 1994 afirmava. Como vínculo do seguimento mais íntimo de Cristo considera-se a **castidade** por causa do Reino dos céus, como elemento **primário e essencial** da vida consagrada sancionada pela Igreja.

Não existe para a vida consagrada, como existe para o matrimônio, um sacramento especial. Por que será? É fácil compreender dentro da dinâmica batismal. A vida consagrada caracterizada pela assunção voluntária e espontânea dos conselhos evangélicos, nada mais é do que o batismo levado às suas últimas conseqüências. A vida consagrada é o pleno desabrochar da consagração batismal: a pessoa consagrada permanece e é **só** de Cristo, vive mais intensa e perfeitamente o ser membro de Cristo e a intimidade com o Deus Uno e Trino. Como nos lembra São Paulo: *"Quem não tem esposa, cuida das coisas do Senhor e do modo de agradar ao Senhor. Quem tem esposa, cuida das coisas do Senhor e do modo de agradar à esposa, e fica dividido. Da mesma forma, a mulher não casada e a virgem cuidam das coisas do Senhor, a fim de serem santas de corpo e de espírito. Mas a mulher casa-*

da cuida das coisas do mundo; procura como agradecer ao marido" (1Cr 7,33-34).

A pessoa consagrada na linha cristã do batismo não constitui novo rumo de vida, novo estado. A pessoa consagrada está mais dentro da nova humanidade que Cristo veio inaugurar.

Dessa forma compreende-se de alguma maneira por que Cristo tenha instituído um sacramento para o matrimônio e não para as pessoas consagradas. O matrimônio rompe de certa maneira aquela unidade batismal e expõe os cônjuges ao grande perigo da divisão por força da concupiscência (cf. 1Cr 7). Para superar tal perigo, é sumamente desejável uma graça muito especial. Por isso também, os autênticos cônjuges cristãos só se realizarão perfeitamente no estado matrimonial se juntos crescerem em Cristo para Deus e fizerem crescer na mesma direção os seus filhos. João Paulo II lembra na Exortação Apostólica *"Vita Consecrata"*, 14, que este especial seguimento de Cristo em cuja origem está sempre a iniciativa do Pai, reveste uma conotação essencialmente cristológica e pneumatológica, exprimindo de forma muito viva o caráter **trinitário** da vida cristã, da qual antecipa de algum modo a realização **escatológica**, para onde tende a Igreja inteira.

## Mistagogia da celebração

Mistagogia é a iniciação no mistério do batismo. Para percebermos melhor o alcance do santo batismo, convém examinar **os ritos** da celebração batismal. A Igreja esforça-se por expressar nos ritos o conteúdo profundo, sobrenatural, misterioso, do santo batismo.

Começa-se a celebração assinalando a cabeça do batizando com o **signal da cruz**. Feito logo no início da celebração, ele indica o característico de nossa fé, o sinal da nossa redenção. Essa cruz deve marcar a vida do cristão. Só na cruz temos vida e salvação!

**O anúncio da Palavra** entra no cerne do sacramento. Palavra e sacramento se completam reciprocamente. A Palavra de Deus é a luz dos nossos passos, a luz da nossa vida. *"Eu sou a luz do mundo"* (Jo 8,12). *"Vós sois a luz do mundo. Brilhe a vossa luz diante dos homens para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o Pai que está nos céus"* (Jo 5,14.16).

A Palavra de Deus é **revelação, é lei, é promessa**. A Palavra de Deus é o alimento da nossa fé, e, quando se fizer necessário, o seu despertador.

**A unção com o óleo dos catecúmenos**. Aqui indica-se vigor, força, generosidade, alegria, para que o batizado siga o caminho do Evangelho de Jesus.

**A oração sobre a água**. É o elemento **material** requerido para a validade do batismo. A água é um elemento de **purificação**: *"Lava-me inteiro de minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado"* (Sl 50 (51), 4). A água aparece inúmeras vezes na história da salvação e a liturgia recorda esses fatos. Água que cura, que dá saúde. Vem muito ligado à ação do Espírito Santo. Na origem do mundo o Espírito de Deus pairava sobre as águas; no dilúvio é a água que sepulta os vícios; no batismo de Jesus o Espírito Santo, descendo como uma pomba, paira sobre o Divino Mestre apenas saindo das águas do rio Jordão (Mt 3,16); na cruz, traspasado o lado de Jesus, jorrou sangue e água.

Os Santos Padres vêem nessa água prefigurado o santo batismo.

**As promessas batismais.** Trata-se de romper com o maligno e toda a maldade; ser firme na fé, fé que é a razão da alegria cristã em Nosso Senhor.

**O momento essencial:** a imersão ou a infusão da água com as palavras: *"eu te batizo..."*. Realiza-se a morte ao pecado, ao homem velho, e surge a nova criatura, o homem novo, *"criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade"* (Ef 4,24).

**A unção pós-batizmal** indicando a inserção em Cristo, profeta, sacerdote e rei, e por Cristo, a inserção no povo de Deus. O batizado é um ungido do Senhor, é um outro Cristo, é um enviado: *"O Senhor ungiu-me e me enviou para evangelizar..."* (Is 61,1; Lc 4,18).

**A veste batizmal:** *"Todos vós que fostes batizados, vos revestistes de Cristo Jesus"* (Gl 3,27). A veste do cristão é o próprio Cristo Jesus. Temos aqui uma sinalização da modéstia cristã.

**Rito da Luz.** É preciso que o batizado caminhe pelo mundo como filho e filha da luz. *"Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz, pois o fruto da luz consiste em toda bondade e justiça e verdade"* (Ef 5,8)

**O sal:** *"Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens"* (Mt 5,13).

**O éfeta,** abrir os ouvidos e soltar a língua. O batizado deve ouvir a palavra de Deus e professar a fé para o louvor e a glória de Deus Pai.

**Ritos finais.** A oração do Senhor, o "Pai Nosso" e a despedida com a bên-

ção solene destinada aos pais, aos padrinhos e à comunidade. Trata-se de pedir ao bom Deus a felicidade dos filhos, oferecer-lhes condições dignas de vida e incentivo da fé, as crianças sejam membros novos do povo de Deus e possam viver sempre em paz.

Os ritos batismais são preciosos. Constituem verdadeira catequese. É necessário tomar o batismo a sério e nunca jogá-lo no lixo.

Também para as pessoas consagradas o batismo conta e muito. É a base de toda a consagração, já que a vida consagrada consiste em assumir de forma radical, em toda a sua radicalidade, o batismo: vida celeste, seguimento total de Jesus. E não só o batismo, mas também a crisma e a eucaristia.

Os sacramentos da iniciação oferecem-nos o cristão objetivamente em sua plenitude.

Há uma passagem interessante nos Atos 19,1-7: Paulo chegou a Éfeso. Ali encontrou alguns discípulos e perguntou-lhes: *"Recebestes o Espírito Santo quando abraçastes a fé?"* Eles responderam: *"Mas nem ouvimos dizer que haja um Espírito Santo"*. E ele: *"Em que batismo fostes então batizados?"* E responderam: *"No batismo de João"*. Paulo então explicou-lhes: *"João batizou com um batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que viria após ele, a saber, em Jesus"*. Tendo ouvido isto, receberam o batismo em nome do Senhor Jesus. E quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles; puseram-se então a falar em línguas e profetizar. Eram ao todo cerca de doze homens.

Vê-se que, além de receberem o ba-

tismo, receberam de modo especial o Espírito Santo, foram crismados. Batismo e crisma formam como que um todo. Falta ainda a Eucaristia. Ela consolida o batismo e a crisma. É o alimento substancial do cristão.

Os sacramentos da iniciação cristã colocam os **fundamentos** de toda a vida cristã. Renascidos no batismo, somos fortalecidos no sacramento da crisma e nutridos com o Corpo e o Sangue de Cristo.

A consagração religiosa pode e deve ser vista também na luz da consagração do Corpo e do Sangue do Senhor. Como, pela ação do Espírito Santo (epiclesse) o pão se transforma no Corpo de Cristo e o vinho no seu Sangue, assim a pessoa consagrada se transforma em Jesus pela ação do Espírito Santo.

O batismo ou melhor a vida religiosa que é o batismo vivido em sua mais profunda radicalidade, em sua mais profunda raiz, chega à plenitude nos sacramentos da iniciação e que tem a sua expressão na vida consagrada.

## **Inserção na comunidade, no povo de Deus**

Um aspecto a ser fortemente sublinhado num mundo como o nosso marcado pelo individualismo é a inserção de todo o batizado na comunidade cristã, no seio do povo de Deus. A comunidade cristã é, em última análise, a vivência da comunidade trinitária neste mundo. Se o batismo por Cristo, em Cristo, nos insere na vida íntima de Deus Uno e Trino, o que significa, na comunidade trinitária, torna-se evidente que um batizado não pode viver fora da comunidade, um batizado **isolado** é uma contradição. Um cristão

isolado é um mau cristão, é um contra-senso, é um ser que não existe, é um ser que não faz caso do seu batismo. A comunidade, conseqüentemente, **a comunhão** é a espinha dorsal de toda a vivência eclesial. **A comunhão** na Igreja com os demais batizados é exigência de autenticidade eclesial. A própria Eucaristia o pede. Como posso comungar Jesus se não comungo com o meu próximo? Entra aqui de cheio a vivência do amor fraterno. Por isso também o batismo de qualquer pessoa deveria interessar a comunidade. A comunidade cristã não pode permanecer alheia ao batismo de quem quer que seja dentro da comunidade. O batismo não é propriamente um ato individual; é um ato eminentemente comunitário. A própria comunidade é responsável pela educação da pessoa batizada inserida na comunidade. A primeira obrigação é, sem dúvida, dos pais e padrinhos, mas o prolongamento dos pais e padrinhos é a comunidade. Ninguém pode dizer: *"nada tenho a ver com o outro"*. Temos muito a ver com os outros. Fomos criados para vivermos felizes solidariamente. Este aspecto da solidariedade faz muita falta. O egoísmo é um vírus. Torna conta até das próprias famílias que, muitas vezes, agem por egoísmo e não animados do autêntico amor fraterno. Esquecer-se a si mesmo só para ver felizes os outros.

A comunidade religiosa também deve dar-se conta de que é responsável pelos batizados da comunidade onde a comunidade religiosa está inserida: reza, trabalha, vive. A vivência comunitária da vida religiosa tem como fundamento último o santo batismo. É ele o fundamento último de toda a fraternidade.

## CONCLUSÃO

Todo ser humano é um vocacionado. Deus chama-nos à vida; chama-nos não só à vida natural, mas também à vida divina *“participantes da divina natureza”* (2Pd 1,4). São as preciosas promessas que Deus fez para formar uma só família em Jesus Cristo sob a moção do Espírito Santo. A especificidade das vocações: matrimônio, vida consagrada, ministério sacerdotal, procedem da mesma fonte. A fonte é o sacramento do batismo. É neste sacramento que a Igreja tem o seu fundamento último: todos inseridos em Cristo Jesus e mergulhados no seio intratrinitário. O batismo é a fonte de todas as vocações, já que o batismo é o elemento sacramental fundacional da Igreja. A Igreja, sacramento universal de salvação – a sua grande missão –, abre-se com o sacramento do batismo, o batismo porta da Igreja e porta dos sacramentos.

Torna-se urgente valorizar de novo o santo batismo. Em si, o batismo deveria ser dado aos adultos. Na antigüidade, após um longo catecumenato, o adulto era batizado. Aos poucos prevaleceu o batismo das crianças. Esse batismo, porém, supõe que os pais e os padrinhos assumam a sua missão de educar a criança na fé que o batismo lhe dá, levando-a a uma fé adulta. É muito significativa a pergunta que o celebrante do batismo faz aos pais: *“Querem vocês ajudá-las a crescer na fé, observando os mandamentos e vivendo na*

*comunidade dos seguidores de Jesus?* Os pais respondem: *“Sim, queremos”*. É um *“sim”* e um *“querer”* infelizmente, falando do que normalmente acontece, puramente formal. Na realidade prática é o que menos acontece. O mesmo vale para os padrinhos e também estamos longe de conseguir o que se pergunta à comunidade: *“Querem ser uma comunidade de fé e de amor para estas crianças?”* Qual a comunidade que toma isso a sério?

Há, hoje, uma tendência bem forte na Igreja de introduzir o catecumenato assim como era praticado na antigüidade. Não se pode brincar com o batismo e muito menos ainda atirá-lo ao lixo. Que famílias bem constituídas temos hoje? Que investimento há em nossas comunidades para que sejam comunidades de fé e de amor? As CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) que eram uma grande esperança, parece que perderam o seu impulso. Será difícil termos comunidades vivas de fé e de amor se não forem formadas como o eram as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) na ação a partir do Evangelho.

Trabalhar por um consciência mais profunda e explícita do santo batismo é trabalhar, de modo fundamental, para a obra vocacional.

---

Endereço do autor:

Rua Barão do Rio Branco, 412 – Centro

12570-000 Aparecida/SP

Cx. Postal 82 CEP 12570-970

E-mail: daloisio@uol.com.br

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Por que é importante refletir sobre o batismo?
- 2- Qual a sua relação com a vocação das pessoas?
- 3- Como é que nós consagrados e consagradas vivemos o nosso batismo? Ele deve ser sempre de novo revitalizado?

# Espiritualidade das águas na Bíblia

JACIR DE FREITAS FARIA, OFM

## Introdução

O presente artigo se propõe refletir sobre a água na perspectiva bíblica. Vivemos o desafio de uma eminente falta de água potável no planeta. Será que a experiência com a água feita pelo povo da Bíblia pode nos ajudar a encontrar luzes para essa alarmante hipótese? É o que queremos responder com o texto que segue. São palavras de sabedoria inspiradas na espiritualidade das águas na Bíblia. São águas recriadoras do livro do Gênesis, que perpassam a literatura bíblica e permanecem no sonho de uma nova Jerusalém, irrigada por águas apocalípticas. A trajetória do povo de Deus foi marcada pela experiência com a água. Patriarcas e matriarcas, profetas e reis, sábios da corte e do povo, gente da cidade e do campo, fazedores da Lei e do culto, todos eles igualmente vivenciaram a experiência das águas bíblicas. De Adão/Eva a Jesus, a história do povo de Deus foi marcada pela espiritualidade das águas. É o que veremos a seguir.

## 1. No princípio era a recriação a partir da água

A Bíblia, já nas suas páginas iniciais, fala de água. Águas que criam e recriam o universo. A história de Israel leva a marca indelével da presença da água em

seus eventos fundadores, como a passagem pelo mar vermelho (libertação do Egito) e a entrada na terra da promessa. E como não bastasse, quando o povo esteve no exílio da Babilônia, onde os rios inspiraram resistência (Sl 137), o povo releu teologicamente a sua história e descobriu que Deus os criou para o bem, mas, devido ao mal instaurado entre eles, Deus mandou o dilúvio (Gn 6,5-9,17) para recriar a humanidade a partir das águas. Deus interveio destruindo para recriar um novo tempo. A terra estava corrompida, e nada melhor do que a água para purificá-la. O dilúvio possibilitou a salvação da humanidade, da terra e dos animais. O mito do dilúvio não pode ser considerado como único<sup>1</sup>. Muitas outras culturas, contemporâneas ao mundo bíblico e também recentes, conservaram no imaginário coletivo a idéia de que o mundo fora uma vez recriado por meio de um dilúvio.

O dilúvio (Gn 6,5-9,17) foi colocado no centro do bloco literário de Gn 1-11. Genealogias, histórias de culpa e castigo e da relação entre Canaã e Israel estão colocadas de modo paralelo para evidenciar a importância do dilúvio como recriação a partir das águas. Podemos visualizar o quadro narrativo de Gn 1-11 do seguinte modo<sup>2</sup>:

<sup>1</sup> Cf. Jacir de Freitas Faria, "O mito do dilúvio contado pelos Maxacalis, israelitas e babilônios. No conto um projeto que salva a terra, água, animais e seres humanos", *Estudos Bíblicos*, n. 68, p. 36, 2000.

<sup>2</sup> Cf. Idem, p. 36.



Gn 1,1-2,4: **genealogia** do céu e da terra

Gn 2,4-4, 16: **histórias de culpa e castigo**: Adão, Eva, serpente, Caim e Abel

Gn 4,17-5, 32: **genealogia** de Caim, Set e Adão

Gn 6,1-4: **relação entre Israel e Canaã**: os gigantes

### **Gn 6,5-9,17: DILÚVIO**

Gn 9,18-38: **relação entre Israel e Canaã**: pequena história intercalada

Gn 10,1-32: **genealogia** de Noé

Gn 11,1-9: **história de culpa e castigo**: Torre de Babel

Gn 11,10-32: **genealogia** de Sem

Nunca saberemos se de fato o dilúvio existiu, mas com certeza podemos afirmar que esse modo mitológico de narrar fatos foi a expressão literária que o povo encontrou para afirmar o desejo de recomeçar, através da água, o sonho de uma nova terra. Nem Deus mesmo suportava tanta maldade humana.

O fato de Israel ter contado a sua história mostrando que ela foi também marcada por dilúvio é, no mínimo, muito interessante. Olhando atentamente a geografia de Israel percebemos que ele é banhado por águas de todos os lados: mar mediterrâneo, rio Jordão e outros afluentes menores no norte e no sul. Para entrar na terra da promessa era preciso passar pela água. Não por menos, o judeu gosta muito do rito de purificação com água. A luta pela posse de fontes de água era inevitável para a sobrevivência de Israel.

O personagem que aparece no dilúvio, Noé, é visto como símbolo do homem incorrupto que possibilitou a ação divina de recriar. A sua barca era "tão grande" que nela foi possível reunir homens, mulheres e seres do mundo animal e vegetal. Após o dilúvio, Deus prometeu que

não mais destruiria o mundo com águas diluvianas. Notório é o fato de que Deus usa a água para visualizar a sua decisão, o arco-íris, um arco de guerra formado pelo reflexo do sol sobre a água, que por sua beleza enche qualquer olho de água.

Mesmo que Deus tenha prometido que um novo dilúvio não aconteceria, o mito bíblico do dilúvio parece denunciar: se não redirecionarmos o nosso modo de se relacionar com a água, ficaremos sem ela. E aí será preciso invocar águas celestes para manter a sobrevivência. Haja vista a experiência vivida por nós brasileiros no famoso "apagão". Urge recomeçar, recriar a partir da água, antes que seja tarde demais. No princípio era a água, mas ela também poderá chegar ao fim. O clamor das águas contaminadas de nosso tempo chega aos céus.

As águas foram feitas para irrigar o jardim da vida. Gn 2, 8-15 quis dizer isso ao afirmar que Deus fez sair do Éden um rio que desdobrava em 4 rios: Fison, Geon, Tigre e Eufrates. É esse o paraíso sonhado pelos seres humanos daquele então: uma terra regada pela água. Por outro lado, a leitura bíblica feita de modo a colocar o homem no centro é

uma das causas da desordem ecológica a que estamos vivendo. "Dominar a terra", eis uma tradução problemática de Gn 1, 28. O seu sentido é "viver em harmonia com", cuidar da terra, como um maestro rege a sua orquestra. O ser humano foi feito para dominar as forças caóticas que impedem a harmonia da vida entre seres humanos, animais e natureza.

Gn 2,6 diz que quando Deus fez a terra e o céu não havia plantas porque Ele ainda não tinha feito chover sobre a terra. Entretanto, um *manancial* subia da terra e regava toda a superfície do solo. Essas palavras criadoras mostram como a água já estava nas origens. É claro que esse foi o modo que o povo encontrou para explicar a importância da água na vida deles. Sem água seria impossível a terra existir.

A segunda carta de Pedro, diante da presença dos 'falsos doutores', relembra as águas de Gênesis, fazendo uma ligação apocalíptica da criação pela água e o fim dos tempos. Assim diz o texto de 2 Pd 3,5-7: "Mas eles fingem não perceber que existiram outrora céus e terra, esta tirada da água, e estabelecida no meio da água pela Palavra de Deus, e que por essas mesmas causas o mundo de então pereceu, submerso pela água. Ora, os céus e a terra de agora estão reservados pela mesma Palavra ao fogo, aguardando o dia do Julgamento e da destruição dos homens ímpios". Também a primeira carta de Pedro 3,20 retoma o dilúvio, ligando-o ao batismo, quando diz: "...enquanto Noé construía a arca, na qual poucas pes-

soas, isto é, oito, foram salvas por meio da água. Aquilo que lhe corresponde é o batismo que agora vos salva"...

## 2. A água na vida dos patriarcas e matriarcas

Os nossos pais e mães na fé, chamados de patriarcas e matriarcas, viveram de modo itinerante nas terras do Oriente Médio. Terra e água marcaram as suas vidas, regadas pela presença de Deus Pai que chama e desinstala.

Na história dos patriarcas e matriarcas encontramos poços de água. O povo tinha o costume de cavar poços nas cidades e planícies para recolher as águas da chuva (Dt 6,10-12; Ne 9,25). Eles eram chamados de 'poços de água das chuvas'. As casas antigas de Israel tinham poços no seu interior. A arqueologia confirma essa informação. O telhado era feito de modo que toda a água da chuva era recolhida e guardada fresca. Os poços deviam ser rebocados (Jr 2,13). Eles eram também usados em tempos de guerra como esconderijo de alimentos (Jr 4,18), bem como lugar de prisão, como por exemplo, de José e Jeremias (Jr 38,6-13; Gn 37,22-13). Um outro tipo de poço era o assim chamado "poço de água viva", isto é, poços profundos que chegavam até à veia d'água<sup>3</sup>. O famoso poço de Jacó tinha 32 metros de profundidade. Esses poços serviam para dar água aos animais, mas foram também motivos de brigas entre as pessoas. As cidades também tinham piscinas de água viva.

O patriarca Abraão se viu em litígio

<sup>3</sup> Cf. Van den Born, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, Petrópolis: Vozes, 1987, p. 27-29.

com Abimelec por causa de um poço de água viva. Os servos de Abimelec usurparam o poço que Abraão tinha cavado. Abraão chamou Abimelec e ali mesmo, no poço, eles fizeram uma aliança de respeito mútuo. Abraão lhe ofereceu 7 ovelhas como testemunha que aquele poço era dele. Abimelec aceitou a oferta e o poço passou a se chamar de "Poço do juramento", em hebraico *Be'er Sheba'* (traduzido por Bersabéia).

Isaac herdou de seu pai muitos poços, os quais foram entulhados e cobertos de terras pelos filisteus e pastores de Gera- ra. Isaac mandou cavar outros poços. Com o segundo grupo houve disputa ferrenha pelo poço de água viva encontrado por Isaac. Eles diziam "a água é nossa". O último poço cavado por Isaac não foi motivo de litígio e ele exclamou: "Agora Deus nos deu o campo livre para que prospere- mos na terra" (Gn 26,12-33). A garantia da água era o sinal de sobrevivência para os patriarcas. Uma terra fértil dependia da água para irrigá-la. Sem água, os ani- mais morreriam.

Agar, a matriarca que complicou a his- tória da salvação, encontrou um poço de água viva e dele deu de beber ao seu filho Ismael, no deserto de Bersabéia.

A matriarca Rebeca, mulher de Isaac foi escolhida à beira de um poço, por um servo de Abraão. Estando no poço, no momento em que as mulheres iam buscar água, o servo de Abraão fez um propósi- to: "A jovem a quem eu disser: 'Inclina o teu cântaro para que eu beba' e que res- ponder: 'Bebe, e também a teus camelos darei de beber', esta será a que designas-

te para teu servo Isaac, e assim saberei que mostraste benevolência para com meu senhor" (Gn 24, 14). E assim sucedeu. E Rebeca tornou-se esposa de Isaac.

O patriarca Jacó também encontrou uma de suas esposa, Raquel, à beira de um poço. Ela era pastora e fora ao poço dar de beber ao seu rebanho. Jacó a beijou e lhe disse que era parente de seu pai e filho de Rebeca. Raquel foi logo contar o fato a seu pai, Labão, o qual acolheu Jacó em sua casa. A história continua mostrando o casamento de Jacó com as duas filhas de Labão, Lia e Raquel.

Jacó praticou por primeira vez o ato religioso de purificar o corpo com água (Gn 35,2). Também de Jacó é conserva- da na Bíblia, em Gn 32,23-33, a sua fa- mosa luta com Deus, na pessoa de um desconhecido. O fato ocorreu no vale do rio Jaboc. Nesse riacho ele fez atra- vessar sua família e pertences. Alguns rabinos interpretaram que a luta de Jacó foi com o espírito das águas que ame- drontava o povo<sup>4</sup>.

Na história do patriarca José, filho de Jacó, ficou registrado que ele foi res- ponsável pela ida de seus pais para o Egito. Vendido pelos irmãos, ele se tor- nou poderoso a ponto de poder livrar o seu povo da seca e da fome que impe- ravam nas terras de Canaã e do Egito. A exegese moderna procura compreender a história de José como novela bem con- tada para justificar a monarquia salo- mônica. E nesse relato está também a questão da falta d'água que gera a mi- séria, bem como a ação de Deus na his- tória que liberta seu povo escolhido.

<sup>4</sup> Citado por Marcelo Barros, *O Espírito vem pelas águas*, São Leopoldo/Goias: CEBI/Rede, 2002, p. 131.

### 3. As águas do Egito

O Egito, notável potência na geopolítica do mundo antigo, tinha nas águas do rio Nilo a sua força propulsora. Um país onde mais de 90% de suas terras são desérticas, esse rio só podia ser uma bênção dos deuses. Os egípcios acreditavam que o Nilo fora criado no céu pelo deus Noun, que o fez descer na terra do Egito para alimentar seus devotos<sup>5</sup>. As margens do Nilo eram fecundas. É famoso o delta do Nilo.

A vida no Egito para o povo de Jacó ficou difícil, quando a memória de José foi apagada dos anais da corte egípciana. Submetido a trabalhos forçados, o povo padeceu na escravidão por séculos. Até que apareceu uma liderança israelita criada na corte, Moisés. Nome que carrega uma história de água. Ele significa: "salvo das águas" para deixar marcado na história dessa criança que ela fora colocada em um cesto e atirada nas águas do rio Nilo. A filha do Faraó presenciou a cena e a salvou das águas. Mal sabia Moisés que mais tarde as águas voltariam em um outro capítulo de sua história: Mar Vermelho. Moisés passaria para a história de seu povo como o homem que levantou o seu cajado para abrir as águas do mar e, assim, o povo poder passar a pé enxuto (Ex 13,17-15). Sabemos o simbolismo que essa história carrega. Não podemos compreender o texto ao pé da letra. Mesmo que o mar não tenha sido aberto como em uma cena cinematográfica, a narrativa quer mostrar que Moisés e seu povo souberam encontrar o momento exato para a saída: quando, por algumas horas,

parte das águas do mar dos juncos.

Para que o povo pudesse sair do Egito, Deus enviou 'pragas'. A tradição conservou a memória de 10 delas. Algumas delas estão relacionadas com as águas do Nilo. Em duas se diz que Moisés, o 'tirado das águas', devia se encontrar com o Faraó, no momento em ele fosse "sair às águas do Nilo" (Ex 7,14). Uma das pragas se refere diretamente às águas do Nilo, as quais foram transformadas em sangue. Outra fala das rãs que saíram dos rios, canais e lagoas e invadiram a terra do Egito (Ex 7,26-8,11). Uma outra praga ainda fala de 'chuva' de pedras (Ex 9,13-35). O episódio de pragas relacionadas à água mostra como esse elemento vital para o ser humano é usado para pôr fim à escravidão.

### 4. As águas do deserto

Estando no deserto de Sin, em Meriba, o povo padecia de sede e fome. Eles foram reclamar com Moisés e exclamaram: "Oxalá tivéssemos perecido no Egito!" Moisés invocou a Deus e o milagre das águas saídas da rocha aconteceu (Nm 20,1-11). O poder desse gesto concedido por Deus a Moisés o salvou por meio da água. A liderança de Moisés foi confirmada pela água que saía da rocha. Ele foi capaz de oferecer água para o povo, por isso é digno de liderar em nome de Javé.

Quando o povo estava para receber o Decálogo, no Sinai, Moisés pede ao povo que se purifiquem com água e lavem suas vestes (Ex 19,10).

<sup>5</sup> Cf. Marcelo Barros, *O Espírito vem pelas águas*, São Leopoldo/Goiás: CEBI/Rede, 2002, p.123.

Nas prescrições recebidas por Moisés, no Sinai, estão leis referentes ao uso da água, tais como:

- Aarão e seus filhos, ao serem consagrados como sacerdotes, deveriam passar por um banho ritual de purificação (Ex 29,4).
- Também Aarão e seus filhos deveriam fazer a ablução de mãos e pés antes de officiar o serviço religioso. A bacia com água ficaria entre a Tenda da reunião e o altar (Ex 30, 17-21). Caso eles não realizassem esse ato, morreriam.
- Quem tocasse em um cadáver, túmulo ou homem assassinado ficaria impuro e deveria passar pelo ritual de purificação das águas lustrais (Nm 19,17-22).

No deserto, em meio às tentações, o povo é consolado pela promessa divina de água: "Eis que o Senhor teu Deus vai te introduzir numa terra boa: cheia de ribeiros de água e fontes profundas que jorram no vale e na montanha"... (Dt 8,7).

## **5. As águas do Jordão se abriram para o povo entrar na terra da promessa**

Notória é a releitura da experiência da passagem pelo 'mar que se abriu' na vida do povo, quando, terminado a sua peregrinação pelo deserto, ele está para entrar em Canaã, a Terra prometida. Assim diz Js 3,14-17: "Ora, quando o povo deixou suas tendas para passar o Jordão, os sacerdotes que levavam a Arca da Aliança estavam à frente do povo. Assim que os transportadores da Arca chegaram ao Jordão e que os pés dos sacerdotes que transportavam a Arca se molharam nas bordas das águas - pois o Jordão

transbordava pelas suas margens durante a ceifa -, as águas que vinham de cima pararam e formaram um só massa a uma grande distância, em Adam, cidade que fica ao lado de Sartã; ao passo que as águas que desciam em direção ao mar da Arabá, o mar Salgado, ficaram inteiramente separadas. O povo atravessou defronte de Jericó. Os sacerdotes que transportavam a Arca da Aliança de Javé detiveram-se no seco, no meio do Jordão, enquanto todo o povo de Israel passava pelo seco, até que toda a nação acabou de atravessar o Jordão".

Com esse gesto, Deus confirmou a sua predileção por Israel, assim como fizera com Moisés na saída do Egito. Josué e Moisés são confirmados como lideranças, pois são capazes de separar águas que impedem a vitória, transformando-as em águas libertadoras.

Quando o povo estava se instalando na terra de Canaã, muitas alianças matrimoniais e políticas foram feitas através da posse de fontes de águas (Jz 1,12-15).

O livro dos Juizes, no capítulo 7, versículos 4 e 5 narram o interessante modo como o juiz Gedeão usou, sob as ordens de Javé, para selecionar homens para a guerra. Os que se apresentaram para a guerra foram levados ao rio e observados. Os que beberam água como fazem os cães, isto é, com a língua, foram os escolhidos. Os que se ajoelharam, não. Os selecionados, diz o texto, chegaram a trezentos.

## **6. A defesa da água nos Códigos de Israel**

Os códigos são o modo como o povo encontrou para garantir o cumprimento

do Decálogo, que de 10 mandamentos foram transformados em 613. Os três principais códigos são o da Aliança, o Deuteronomico e o da Santidade. A água foi também legislada nesses códigos.

*O Código da Aliança, elaborado no período dos juízes, previa o seguinte:*

- "Se um boi ou um jumento cair num poço destampado, o dono do poço pagará o preço do boi e ficará com o animal" (Ex 21,33). Os poços deviam ser fechados com uma pedra grande (Gn 29,3) ou madeira.

*O Código da Pureza, unido ao código da Santidade, previa o seguinte:*

- "Quando um cadáver de animal cair em um poço, cisterna e lagos, esses não se tornariam impuros" (Lv 11,36). A idéia que sustenta essa lei é que a água tem a característica própria de purificar tudo.

- "O leproso curado deverá se apresentar ao sacerdote e fazer seu ritual de purificação que consiste em: tomar duas aves vivas e puras. Imolar uma delas em vaso de argila sobre água corrente. O sangue da ave imolada será misturado com madeira de cedro, lâ escarlata, hissopo e a ave viva e, depois, mergulhados em água corrente. O leproso será aspergido sete vezes. A ave viva será liberta. E ainda o leproso deverá lavar-se com água, raspar os pelos e ficar sete dias fora de sua tenda" (Lv 14,1-9).

- As roupas de quem carregava um cadáver deveria ser lavada e o carregador ficava impuro até à tarde (Lv 11,25).

- "Todo animal morto, considerado impuro, que cair sobre um objeto, esse se torna impuro e deverá ser lavado

com água" (Lv 11,31-33).

- "Todo alimento que se come será impuro, ainda que seja só umedecido com água" (Lv 11, 4).

- "Quem comer da carne de um animal doméstico que vier a morrer deverá lavar as vestes e ficará impuro até à tarde" (Lv 11,40).

- "Quando um homem tiver emissão seminal deverá banhar em água todo o corpo, e ficará impuro até à tarde. Toda a veste e todo o couro atingido pela emissão seminal deverão ser lavados em água e ficarão impuros até à tarde" (Lv 15,16).

- "Quando um homem tem um fluxo de sangue ele está impuro e todo leito e móvel que ele se assentar ficará impuro. Quem tiver contato com esses objetos e com o homem fica impuro e deve lavar as suas vestes (Lv 15,1-8).

- "Quando a mulher tiver coabitado com um homem, deverão ambos lavar-se com água, e ficarão impuros até à tarde" (Lv 15,18).

Também o livro dos Números conserva leis de pureza complementares ao Código da pureza. Destaca-se a das "águas amargas". Quando uma mulher cometia adultério sem que houvesse testemunhas e o marido dela tivesse uma crise de ciúme, esse faria uma 'oblação de ciúme' para fazer a memória do pecado. O sacerdote, então, deveria proceder do seguinte modo: "ele fará aproximar a mulher e a colocará diante de Javé. Em seguida tomará água santa em um vaso de barro, e tendo tomado do pó do chão da habitação, o espargirá sobre a água. E apresentará a mulher diante de Javé, soltará a sua cabeleira e colocará nas suas mãos a oblação

do crime. E nas mãos do sacerdote estarão as águas amargas e de maldição... O sacerdote pedirá a mulher que faça um juramento imprecatório de inocência: que Javé te faça, no seu povo, objeto de impreciação e maldição, fazendo murchar o teu sexo e inchar o teu ventre! Que estas águas de maldição penetrem nas tuas entranhas, a fim de que o teu ventre se inche e teu sexo murche! A mulher responderá: Amém! Amém!" (Nm 5,11-31). Com o ritual das "águas amargas", o sacerdote e o marido obtinham a certeza de que a mulher tinha cometido pecado ou não. Caso houvesse pecado, marido estava isento da culpa e a mulher era considerada iníqua.

## 7. A água na vida dos reis

Saul, antes de ser ungido rei pelo profeta e juiz Samuel, encontrou-se com duas jovens que saíam para buscar água (1Sm 9).

Davi, rei de 1010 a 970 a.C., quando Israel era um país só, chegou ao auge do seu poder quando dominou Rabá, a cidade das águas.

O rei Salomão, filho de Davi com Bersabéia, assumiu o poder no lugar de seu pai e construiu um Templo para Javé em Jerusalém. Nele, Salomão rezou conferindo ao Templo o poder de ser um lugar onde o povo pudesse vir para pedir chuva. "Quando o céu se fechar e não houver chuva por terem eles pecado contra ti, se eles rezarem neste lugar, louvarem seu Nome e se arrependem de seu pecado, por teres afligido, escuta no céu, perdoa o pecado de teu servo e de teu povo Israel - tu lhes indicarás o caminho reto que devem seguir - e rega com a

chuva a terra que deste em herança a teu povo" (1Rs 8,35-36). Assim, o rei, que morava perto do Templo, passa a ter também o poder sobre as águas celestiais.

O rei Ezequias mandou construir um aqueduto, saindo da fonte de Gion, e um reservatório para recolher a água na cidade de Jerusalém, o qual foi chamado de piscina de Siloé (2Rs 20,20). Esse canal tem mais de 500 m e ainda pode ser visitado nos dias de hoje.

O rei de Judá, Ozias, homem dedicado à agricultura e ao rebanho, mandou construir muitas cisternas no país (2Cr 26,10).

Na batalha contra Moab, os reis de Judá, Edom e Israel, se uniram e venceram os moabitas. Como sinal de vitória eles taparam todas as nascentes de água e cortaram as árvores frutíferas (2Rs 3, 4-27). Dominar um povo era também impedir o seu acesso à água potável.

## 8. Águas de sabedoria e de libertação nos sapienciais e salmos

No mundo bíblico, a sabedoria popular logo descobriu que água de mina era melhor que a de um poço. Beber água de uma fonte conferia força para lutar (1Sm 15,19). Vinho misturado com água era tido como fonte de prazer delicioso (2Mac 15,39). A água era também misturada com vinagre e usada nas refeições (Rt 2,14). A água não podia ser usada como sacrifício.

Buscar água era um serviço reservado às mulheres. Em tempo de guerra, esse serviço era penoso, pois o canal que levava à fonte de água era secreto, saindo do monte, onde estavam construídas as cidades. A fonte visível era encoberta, como

modo de preservar a água dos inimigos invasores. Em Meguido encontramos um desses canais. Imagine o sofrimento das mulheres para buscar água!

A sabedoria popular pré-israelita compôs cantos para encontrar água nas terras áridas. Assim o povo cantava: "Brotou poço, brota! Entoai-lhe cânticos. Poço cavado pelos príncipes, que foi perfurado pelos chefes do povo, com o cetro, com seus bastões" (Nm 21, 17-18). A Bíblia conservou e incorporou esse "Canto do poço" nas suas tradições.

O justo, o sábio e o sensato eram considerados 'fonte' de vida, de bênção para o povo (Pr 10,11; 13,14 e 16,22). Também o livro dos Salmos usou muito a imagem da água viva para expressar bênção, fertilidade e desejo de Deus. "Minha alma tem sede de ti, minha carne te deseja com ardor, como terra seca, esgotada, sem água" (Sl 63,2). "O justo é como árvore plantada junto d'água corrente" (Sl 1,3). Famoso é o Sl 23: "O Senhor é meu pastor, nada me falta. Em verdes pastagens me faz repousar. Para as águas tranquilas me conduz e restaura minhas forças".

Os homens eram aconselhados a "beber da própria fonte", isto é, não ter relações sexuais com outra mulher (Pr 5,15). Nessa mesma linha de pensamento, o mais poético dos livros bíblicos, Cântico dos Cânticos, põe na boca do amado a seguinte declaração de amor: "Minha amada, tu és a fonte do jardim, poço de água viva que jorra descendo do Líbano!" (Ct 4,15).

O livro de Jó fala que as desgraças que ocorrem na vida devem partir como as águas que vão e não voltam mais (Jó 11,16).

As águas do mar, ou o mar, ele mesmo, era considerado pela sabedoria popular como lugar do perigo. Nele habitavam as forças do mal. Deus protegia quem nele navegava, rezam os Salmos (107; 42 etc.). Nesse sentido, podemos compreender a atitude profética de Jesus, registrada nos evangelhos, de colocar os espíritos impuros de Gerasa em uma legião de porcos e atirá-los ao mar. Essa atitude apocalíptica de Jesus quer mostrar que o império romano (legião), simbolizado pelo porco, será devolvido ao lugar de onde nunca podia ter saído, o mar.

Muitos Salmos rezaram a experiência de libertação feita pelo povo ao atravessar a pé enxuto o Mar Vermelho (Sl 77; 114). Esse ritual é celebrado liturgicamente como águas que libertam o povo. A memória desse fato não podia cair no esquecimento. Deus se torna Eterno, pois usou de seu poder para dividir o mar (Sl 136). Deus é bom porque ele converte o deserto em lagos e a terra seca em nascentes (Sl 107).

## 9. Água nos profetas

O profeta Elias ficou famoso, também por ter o poder de fazer chover em tempos de seca (1Rs 18,41-46). Como Moisés, Elias teve o poder de dividir as águas, no seu caso, as do rio Jordão, para passarem a pé enxuto, ele e Elizeu, seu discípulo predileto. Elias usou o seu manto para dividir as águas. Quando ele partiu, Elizeu repetiu o mesmo gesto, batendo o manto de Elias nas águas, as quais se abriram diante dele (2Rs 2,14).

Seguindo as façanhas do mestre, Eliseu fez o milagre de transformar as águas es-téreis de Jericó em água potável (2Rs 2,19-



23). Outra façanha de Elizeu foi a de conseguir a manifestação de fé em Javé por um chefe do rei de Aram, chamado Naamã, o qual foi a Eliseu esperando ser curado de sua lepra pelo Deus de Israel. O profeta foi categórico: "Vai lavar-te sete vezes no Jordão e tua carne te será restituída e ficará limpa" (2Rs 5,10). Banhar-se no Jordão tem um significado importante para o profeta, as suas águas se abriram para o povo passar e alcançar a terra da promessa. Elas libertam e podem curar o leproso. Banhar 7 vezes significa a plenitude do céu e da terra. O número 4 representa os pontos cardeais, a terra, e o 3, o céu. Três mais quatro é igual a sete.

O livro do profeta Isaías mostra como a vinda do Messias será sinal de bênção e fertilidade para o seu povo. Para tanto, ele usa a metáfora da água. A vinda do Messias trará o conhecimento de Javé para a terra, como as águas enchem o mar (Is 11,9). O rei justo será como um ribeiro de água em terra seca (Is 32,2). Com a vinda do Espírito do alto, todos serão felizes, como quem semeia junto de águas abundantes (Is 32,20). A era messiânica será marcada pelo jorrar de rios entre montes desnudos, e fontes por entre os vales. O deserto será transformado em pântanos e a terra seca em nascentes de água (Is 41,18). O primeiro anúncio do Messias, feito por Isaías, ocorreu no reservatório de água que abastecia Jerusalém (Is 7,1-17). Is 51,10 conserva a tradição da ação poderosa de Deus que secou o mar e fez nele um caminho para que os libertos do Egito pudessem passar.

Jeremias acusa o povo de abandonar Javé, a fonte de água viva (Jr 2,13; 17,13).

Jeremias, assim como Isaías, compara o inimigo como água caudalosa de um rio que tudo destrói (Jr 47,2; Is 8,7; 17,12; 28,2.17). Mas Deus também destrói o inimigo, ainda que muito poderoso. "Porque Javé devasta a Babilônia, e acaba com o seu grande ruído, ainda que suas ondas bramem como grandes águas e ressoe o fragor de sua voz" (Jr 51,55).

O profeta Oséias, opondo-se à tradição popular que atribuía aos deuses Baal e Astarte a origem das chuvas, proclama cheio de esperança: ... "certa, como a aurora, é a sua vinda (de Javé), ele virá a nós como a chuva, como aguaceiro que ensopa a terra" (Os 6,3). Oséias também profetiza que Deus derrama suas águas de ira contra os chefes de Judá que roubam as terras dos lavradores (Os 5,10).

Amós proclama que Javé é aquele que chama às águas mar, e as derrama sobre a face da terra (Am 5, 8; 9,6).

Ezequiel anuncia que a prepotente Tiro seria destruída e despedaçada em pleno mar (Ez 27). Ezequiel também prediz que no tempo do Messias as águas do Mar Morto passariam a ser águas de vida para o seu povo (Ez 47,7-10).

## 10. As águas do batismo

A água relacionada com o batismo aparece no Segundo Testamento com a figura de João Batista. O batismo nas 'águas do Jordão' colocava as pessoas em relação direta com Deus libertador. Não eram mais necessárias as práticas rituais do Templo de Jerusalém. Assim, os batistas se tornaram perigosos para a ordem judaica estabelecida a partir do Templo. Os evangelhos sinóticos mostram João, de forma escatológica, pregando o juízo e a

vinda do Reino de Deus e de seu Messias. Jesus vai ser confirmado na água, por João, assim com a sua missão de anunciador do Reino de Deus<sup>6</sup>. Ir ao deserto significava retomar a figura de Moisés e o Êxodo para, de novo, entrar na terra da promessa, passando simbolicamente pelas águas do Mar Vermelho. Para tanto, era necessária a preparação prévia com o batismo na água e de conversão dos pecados.

## 11. "Eu sou uma fonte de água viva"

Jesus se apresenta como aquele que é fonte de água viva: "Se alguém tem sede, que ele venha a mim e que beba, aquele que crê em mim! Conforme a palavra da Escritura: de seu seio jorrarão rios de água viva" (Jo 7,37-38). No famoso episódio do encontro de Jesus com a samaritana, ele diz: "Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: 'Dá-me de beber' tu és que lhe pedirias e ele te daria água viva" (Jo 4,10). E mais adiante, acrescenta: "Aquele que bebe (água daquele poço físico) terá sede novamente; mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna" (Jo 4, 11).

Os evangelhos conservaram a passagem de Jesus caminhando sobre as águas e Pedro afundando nelas. A força simbólica deste texto quer expressar o poder de Jesus, a modo de Moisés, sobre as águas. Sua liderança e filiação divina são incontestáveis. Pedro não chega a tanto. Ele é ainda um homem

de pouca fé (Mt 14,31).

Quando Jesus morreu na cruz, um soldado o golpeou com a lança e do seu lado saiu água (Jo 19,34), que gera a vida eterna.

## 12. Conclusão

O estudo que fizemos nos deixa claro que:

1. Israel, um povo de pouca água, fez dessa o seu meio de subsistência e de vida.

2. O casamento de muitos patriarcas e matriarcas aconteceu por meio de um poço de água viva. Moisés conheceu Séfora à beira de um poço. Jesus caminhou sobre as águas do mar e Moisés as dividiu. À beira de um poço, a Samaritana compreendeu que Jesus era maior que Jacó, que havia cavado aquele poço, no qual ela fora buscar água para beber e encontrou a água viva, Jesus.

3. A purificação com água, prescrita nos códigos de Israel, tinha um mero objetivo legalista. Pensava-se que com essas práticas a pessoa estaria pura.

4. O poder sobre as águas foi disputado por reis e profetas. Salomão conferiu ao Templo de Jerusalém a autoridade para fazer chover. Elias tinha o poder de fazer chover, o que minava o poder do templo de Jerusalém. Moisés, Josué e Elias tiveram o poder de separar.

5. O povo da Bíblia também ajudou a impedir o acesso à água potável, quando destruía os poços dos vencidos. Atitude não muito ecológica.

6. A famosa frase de Isaías anunciando o Messias: "Eis que uma jovem

<sup>6</sup> Cf. Marcelo Barros, *O Espírito vem pelas águas*, São Leopoldo/Goiás: CEBI/Rede, 2002, p. 119.

concebeu e dara a luz um filho e por-lhe-á nome de Emanuel” foi proclamada nas águas do canal da piscina superior de Jerusalém. A vinda do Messias tem ligação com a água.

7. Os profetas retomam a imagem do dilúvio de Gn para mostrar como Deus age na história para punir os opressores de seu povo. Javé tem o controle das águas, mesmo as diluviais, e, por isso, pode agir como Senhor da história para controlar o opressor e o mal na terra. Deus recria e reconduz a história a partir da água.

8. A crise hodierna no trato com a água e a natureza em geral poderia muito bem buscar inspiração nos textos bíblicos, os quais revelam o pensamento dos povos antigos. O famoso texto da criação de Gn foi, sim, mal traduzido e interpretado historicamente. Nesse relato o ser humano, o Adão (feito do húmus da terra e sua mistura com água) que foi criado à imagem e semelhança de Deus, recebeu o encargo de ser como Deus, que como pai e mãe, cuida dos seus como filhos e filhas, extensão do seu ser. Assim deve ser o proceder do ser humano, zelar e não domi-

nar a natureza. Água não zelada poderia destruir a vida humana que depende dela para sobreviver.

9. Viva a mãe água! Viva a mãe terra! Voltemos ao espírito das águas Gênesis. Mas também mantenhamos o sonho apocalíptico da nova Jerusalém messiânica, na qual “haverá um rio de água viva, que fará frutificar árvores de vida 12 vezes ao ano” (Ap 22,1-2).

10. A Bíblia é água do início ao fim. São águas bíblicas pedindo passagem para gerar vida. Vida que revive e faz a vida viver. Ainda é tempo de recriarmos o paraíso terrestre: quatro rios irrigando a terra que é um jardim. Ou será que teremos que esperar o ano 2025, época prevista pelos especialistas, na qual 40% da população vai ficar sem água potável? Ainda é tempo. Basta retornar às origens das águas bíblicas e beber de sua espiritualidade.

---

Endereço do autor:

Rua dos Contadores, 269 – Bairro Alípio de Melo  
30840-010 – Belo Horizonte – MG

[jacirff@inteminas.estaminas.com.br](mailto:jacirff@inteminas.estaminas.com.br)

[www.franciscanossantacruz.org.br/jacir.htm](http://www.franciscanossantacruz.org.br/jacir.htm)

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Em que sentido a experiência com a água feita pelos povos da Bíblia pode nos ajudar no atual contexto mundial, onde paira a ameaça da falta de água potável a curto prazo?
- 2- Como se pode caracterizar a espiritualidade das águas na Bíblia?
- 3- Que fazer para que essa espiritualidade seja valorizada hoje e encontre ressonância nas comunidades cristãs e religiosas?

# “Opção” pelos pobres

## Realidade central da vida religiosa

FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR

*“Todas as vezes que o fizestes a um destes mais pequeninos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40)*

Três razões nos levaram a aceitar o convite da equipe de redação desta revista para escrever sobre a “opção pelos pobres”<sup>1</sup> (preferencial, audaciosa, atualizada...), 2ª prioridade da última Assembléia Geral Ordinária da CRB.

Em primeiro lugar, por se tratar de uma questão que é central e decisiva – até mesmo escatológica (Mt 25,31-46) – no seguimento de Jesus a quem confessamos como Cristo. Ser cristão é viver *como e do que* Jesus viveu. A vida de Jesus foi um permanente e progressivo des-viver-se para que os pobres pudessem viver. E tudo isso em obediência e fidelidade ao Pai. Logo, não resta outra alternativa aos que se põem no caminho de Jesus.

Em segundo lugar por sermos testemunha de quanto bem a vida religiosa tem feito aos pobres deste mundo, não obstante os enormes males. São tantos os irmãos e irmãs, com tantos e diversos carismas, que se dedicam aos pobres e às suas lutas, que assumem sua causa e

por isto são, não raras vezes, incompreendidos (inclusive pela comunidade religiosa), caluniados, perseguidos e até mortos. Mais. Existem comunidades inteiras que se entregam aos pobres e por eles se deixam configurar. Temos casos, inclusive, de instituições que se entregam completamente aos pobres, por exemplo a Universidade Centro Americana dos jesuítas em El Salvador.

Em terceiro lugar por sentirmos, pela ausência e pelo lamento evangélico de tantos companheiros/as e amigos/as religiosos e religiosas, o quanto a vida religiosa tem se distanciado, nos últimos anos, dos empobrecidos e excluídos e, conseqüentemente, do Deus de Jesus. É impressionante – blasfemo, para ser mais preciso! – como tantas pessoas podem configurar “um modo de vida” em que os pobres e seus sofrimentos não encontram lugar, senão nos discursos retóricos e abstratos (desencargo de consciência, talvez), e ousam qualificar tal “modo de vida” como cristão.

Estas razões, não obstante, são passadas por um limite pessoal que queríamos deixar claro desde o início. Embora tendo vivido quase seis anos com religiosos durante os estudos teológi-

<sup>1</sup> Ver a respeito: BOFF, Clodovis – PIXLEY, Jorge. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1987; FABRIS, Rinaldo. *A opção pelos pobres na bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1991; VIGIL, José Maria (org). *Opção pelos pobres hoje*. São Paulo: Paulinas, 1992.

cos em Belo Horizonte e tendo trabalhado sempre com religiosas e/ou religiosos, o fato de não ser religioso situa nossa reflexão "fora" da vida religiosa. No entanto, por ser a "opção pelos pobres" uma realidade central na fé cristã e por ser a vida religiosa "um modo" de viver a fé cristã, cremos que a distância entre nós não é tão grande como poderia parecer à primeira vista e que a gente pode se entender "em casa".

## I. A vida religiosa como um modo de seguimento de Jesus Cristo

A discussão sobre a identidade e a diversidade dos carismas, dons do Espírito, muitas vezes parece ofuscar o fato de que se tratam de dons e carismas no seguimento de Jesus Cristo. E isto é o que, em última instância, confere identidade cristã a estes dons e carismas. Fala-se de espiritualidade franciscana, inaciana, redentorista, sacramentina, beneditina... com tanta ênfase e empolgação que se silencia e, não raras vezes, esquece-se de que todos estes adjetivos não fazem mais que destacar/intensificar um aspecto ou exigência/desafio da única espiritualidade cristã: O seguimento de Jesus Cristo. Este dado é tão real e tão forte que até em faculdades de teologia sérias, o curso de espiritualidade é "reduzido" ao estudo das escolas religiosas de es-

piritualidade e como se fora dessas escolas "carismáticas" (no sentido evangélico da palavra) não existisse espiritualidade cristã.

Além do mais, nos últimos tempos, tem-se falado muito de "refundação" da vida religiosa. Não vamos entrar aqui nessa discussão, embora a expressão "refundação" nos pareça ambígua. E isso tanto por poder conduzir a um lirismo ingênuo que nega o passado e constrói um presente sem raízes ou fundamentos (refundação pode "cheirar" à fundação); quanto por poder alimentar uma visão idealista das origens - uma espécie de "paraíso" profanado. Talvez seja preferível falar de *replanteamiento*<sup>2</sup>: "*Replantear* é olhar lucidamente nossas tradições, ver o que está passando e como nos re-situar em fidelidade ao carisma e ao nosso momento atual"<sup>3</sup>. Em todo caso, o que aqui nos interessa é chamar a atenção para o fato de que uma "refundação", "volta às fontes", "*replanteamiento*"... da vida religiosa não pode se dar senão a partir daquela realidade que origina, sustenta e revigora permanentemente tanto a vida religiosa (nos diversos carismas) como os outros modos de vida cristã: A vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo pro-seguida pela comunidade daqueles e daquelas que professam a *fé em Jesus* e vivem da *fé de Jesus*.

Embora a fé cristã não possa ser vivida nem pensada desvinculada dos modos

<sup>2</sup> Encontramos várias possibilidades de tradução desta expressão: re-colocar, re-propor, re-traçar, re-estabelecer, re-expor, dentre outras. Como nenhuma delas nos parece suficiente, manteremos a versão original do texto espanhol *replantear*. Estes diversos sinônimos com a definição que o autor dá do termo permite sua compreensão.

<sup>3</sup> CATALÁ, Toni. *Seguir a Jesús en pobreza, castidad y obediencia desde los excluidos*. Vitoria-Gasteiz: Fronteira, 1997, p. 9.

concretos que ela vem tomando ao longo da história, há uma realidade mais central e mais fundamental que é critério permanente de discernimento dessas diversas configurações históricas: "Jesus de Nazaré é confessado pelas Igrejas cristãs como o Ungido de Deus, o Cristo de Deus. Esta confissão de fé supõe, para os crentes cristãos, que o viver, morrer e viver para sempre de Jesus é a referência normativa do acesso à Divindade. Para os crentes cristãos, o de Deus tem a ver com Jesus e Jesus tem a ver com o de Deus. O que se diz cristão, embora não precise seu dizer corretamente, está se referindo a Jesus de Nazaré, o Ungido de Deus"<sup>4</sup>.

Numa palavra, Jesus Cristo é o critério permanente de discernimento da vida cristã. Discernimento, aqui, deve ser entendido sob um duplo aspecto ou como uma tarefa dupla: "Por uma parte pôr em 'crise', submeter à 'prova' nosso dizer e sentir sobre Jesus para não cair numa ilusão e numa alucinação meramente subjetiva e, portanto, irreconhecível pela comunidade cristã; e por outra 'pleitear' (submeter a juízo) nosso modo de estar na vida porque a linguagem muitas vezes é enganadora e mascaradora da realidade"<sup>5</sup>.

### 1. Jesus de Nazaré é o Cristo

É óbvio e evidente que ninguém ne-

garia, explicitamente, que Jesus Cristo é o iniciador e o consumidor da fé cristã (Hb 12,2), bem como seu critério último e permanente. Nisto, em princípio, estamos todos (os que nos nomeamos cristãos) de acordo. Por isso fazemos parte da "mesma" Igreja, compartilhamos a "mesma" fé. O grande problema é saber quem é realmente esse Jesus a quem confessamos como Cristo e que configura nossa vida. E aí temos "jesus" para todos os gostos. Cada um escolhe ou fabrica o seu.

É verdade que não temos uma biografia de Jesus. A Bíblia não é um livro de história, no sentido moderno da palavra<sup>6</sup>. É um livro de fé. Ela recolhe e traduz, com uma linguagem própria, a experiência de Deus vivida por Israel e, no "fim dos tempos", por Jesus e pelos com-Jesus. Seu objetivo não é dar informações jornalísticas sobre episódios da vida de Jesus, mas, como bem disse a comunidade joanina, animar a fé em Jesus Cristo e o modo de vida daí decorrente (Jo 20,31).

No entanto, embora não tenhamos uma biografia de Jesus, o testemunho de fé das primeiras comunidades cristãs, relatado nas Sagradas Escrituras, impede-nos de "criar Jesus" à nossa "imagem e semelhança". A não ser que, de antemão e descaradamente, queira-

<sup>4</sup> IDEM. *Discernimiento y vida cotidiana*. Barcelona: Cristianisme i justícia, 1997, p. 5.

<sup>5</sup> IBID, p. 3.

<sup>6</sup> A discussão sobre o que é histórico ou não na vida de Jesus e, mesmo, sobre o que se entende por histórico é complexa e não pode ser abordada aqui. Apenas sugerimos algumas bibliografias que podem ajudar no aprofundamento dessa questão: ZUURMOND, Rochus. *Procurais o Jesus histórico?* São Paulo: Loyola, 1998; GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré: Mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000; FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: História e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988; SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador: A história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996; GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus: Ensaio de teologia narrativa*. São Paulo: Loyola, 1981.

mos negar a Jesus, uma realidade objetiva que independe do nosso gosto e do nosso interesse. E como não podemos ter acesso a essa realidade a não ser mediados por aqueles e aquelas que nos precederam na fé, ou acolhemos o seu testemunho, ou nos calamos completamente ou, negando objetividade à realidade de Jesus, construímos uma imagem e um discurso apenas para camuflar e/ou legitimar interesses, normalmente alheios ao evangelho.

Segundo as Escrituras, há duas realidades indiscutivelmente centrais e definitivas na vida de Jesus: a confiança e obediência a um Deus que é *Abba* e o des-viver-se completamente e até às últimas conseqüências pelo seu *reinado* neste mundo. Não se tratam de realidades paralelas ou justapostas. Pelo contrário: "O reino dá razão de ser de Deus como *Abba* e a paternidade de Deus dá fundamento e razão de ser ao reino"<sup>7</sup>. Noutras palavras, a prática misericordiosa de Jesus (reinado de Deus) revela um Deus bondoso e misericordioso, Pai; e só um Deus bondoso e misericordioso (Pai) pode gerar bondade e misericórdia, reinado de Deus.

O anúncio e a realização do reinado de Deus ocupava o centro da vida de Jesus. Ele "não só não pregou a si mesmo, mas também a realidade última para

ele não foi simplesmente 'Deus' e sim 'o reino de Deus'<sup>8</sup>. Ele viveu em função desse reinado que nada mais é que a soberania real de Deus, a realização de sua justiça. Convém ter presente que justiça, na compreensão de Israel, ao contrário da "imparcialidade" (!?) ocidental, diz da "proteção que o rei estende sobre os desamparados, fracos e pobres, sobre as viúvas e os órfãos"<sup>9</sup>. É parcial!

Logo, se o reinado de Deus diz respeito à realização de sua justiça e esta se dirige às vítimas, o reinado de Deus se dirige fundamentalmente para as vítimas. Jeremias, exegeta alemão, chega a afirmar que ele "pertence só aos pobres"<sup>10</sup>. E se é assim, ele nos afeta (aos que não somos/vivemos pobres) apenas na medida em que, de alguma forma, comungamos com a vida e o destino dos pobres. Voltaremos ainda a esta questão, polêmica e fundamental.

Mas em que consiste, concretamente, este reinado de Deus? Jesus nunca o definiu conceitualmente. Em vez de defini-lo, realizou sinais e contou parábolas. E nestes sinais e parábolas indicou sua proximidade, presença, realização<sup>11</sup>.

A chegada do reinado de Deus devolve a criatividade às vítimas de paralisia/deficiência, liberdade aos acorrentados

<sup>7</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Op. cit.*, p. 36.

<sup>8</sup> SOBRINO, Jon. *Op. cit.*, p. 107.

<sup>9</sup> JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento: A pregação de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 154.

<sup>10</sup> IBID, p. 181.

<sup>11</sup> Uma visão sistemática e de conjunto sobre as vias de acesso à realidade do reinado do *Abba* e o seu tratamento recebido nas cristologias atuais pode ser encontrada em SOBRINO, Jon. *Op. cit.*, pp. 105-201.

e aos dominados pelo demônio e criava comunhão com os excluídos. Um caso típico é o do geraseno (Lc 8,26-39): passa da "gritaria" à "palavra", da "auto-lesão" à "auto-estima", do "cemitério e sepulcro" à "aldeia", das "correntes e grilhões" a estar "sentado e vestido". Outro caso típico é o da comunhão de mesa com os "pecadores"/excluídos (Mc 2,15-17; Lc 7,36-47...). Para compreender seu significado é preciso ter presente que "no oriente receber alguém em comunhão de mesa significa até o dia de hoje uma honra que quer dizer oferta de paz, confiança, fraternidade e perdão... comunhão de vida... No judaísmo em particular, comunhão de mesa é comunhão perante os olhares de Deus... participa da bênção que o dono da casa pronunciou sobre o pão antes de parti-lo"<sup>12</sup>.

O reinado de Deus, enquanto realização de sua justiça, sempre parcial, era uma Boa Notícia para os pobres: garantia de vida, liberdade e proteção, ruptura com a lógica da exclusão e restauração da comunhão. Rompia a dependência e criava comunhão.

Mas seu anúncio/realização nunca foi tranqüilo. As forças do "anti-reino" nunca tardam. Elas preferiam (e preferem!) as correntes, o sepulcro, a distância... Para elas, o que era (e é!) Boa Notícia para os pobres era (e é) Má Notícia. Por isso o reinado de Deus sempre foi e sempre será uma realidade profundamente conflitiva, cujo preço pode ser a vida, como confirma a Cruz de Jesus.

Se, por um lado, o reinado de que

Jesus fala e torna presente é sempre, segundo ele mesmo, reinado de Deus, por outro lado, este reinado revela um Deus justo, bondoso e misericordioso, a quem chama de *Abba*, paizinho. A centralidade do reinado de Deus na vida de Jesus só pode ser entendida, em última instância, a partir de sua experiência de Deus como *Abba*. E vice-versa. Uma prática bondosa e misericordiosa só pode revelar um Deus bondoso e misericordioso. Só um Deus bondoso e misericordioso pode levar a uma prática bondosa e misericordiosa.

"A experiência desta vinculação *Abba-reino*... constitui toda a chave daquilo que parece que Jesus pessoalmente vivia, constitui todo o horizonte daquilo que Jesus quis pregar, e constitui todo o sentido do discipulado que, para Jesus, parece não ser mais do que uma introdução a esta experiência"<sup>13</sup>.

## 2 – *Cristãos são os seguidores de Jesus Cristo*

Se na confissão de fé "Jesus (é o) Cristo", é preciso não apenas afirmar que Cristo é Jesus e não outro qualquer, mas explicitar quem é esse Jesus a quem confessamos como Cristo; a qualificação cristã a uma pessoa, grupo, instituição supõe, para ser conseqüente, uma identificação (diferente de imitação) com aquela vida concreta que dá conteúdo e realidade ao messianismo/cristianismo: Jesus de Nazaré.

A Igreja cristã é a comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo.

<sup>12</sup> JEREMIAS, Joachim. *Op. cit.*, p. 179.

<sup>13</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Op. cit.*, p. 36.



Sua missão é dar pro-seguimento à missão de Jesus. É, precisamente, a identificação com a vida e missão de Jesus que confere à Igreja o seu ser cristão. Uma pessoa, uma comunidade é cristã apenas e na medida em que toma parte na ação messiânica de Jesus. O ser cristão não passa, em primeiro lugar, por uma identificação sociológica (sou cristão, católico), nem por uma confissão doutrinal (catecismo)<sup>14</sup> ou por uma prática ritual (missa, terço, jejum...), mesmo que não as negue ou até as implique. Em todo caso, além de periféricas, só ganham consistência e densidade cristãs se são expressão de uma vida vivida no seguimento de Jesus Cristo. Numa palavra: somos cristãos somente e na medida em que, em obediência ao Pai, tomamos parte na ação messiânica de Jesus: o *reinado* do *Abba*. Aí se julga e se mede o nosso ser cristão!

A vida religiosa, na nossa compreensão, nada mais é que um modo concreto, entre tantos outros, de viver o seguimento de Jesus Cristo. Em princípio, nem mais nem menos importante ou perfeito ou santo que outros. Simplesmente *um* modo de viver o seguimento: em pobreza, castidade e obediência. É o seguimento, precisamente, que confere realidade e legitimidade cristãs aos votos.

É necessário explicitar, permanentemente, o caráter e os fundamentos cristológicos dos votos. Eles não podem ser

entendidos e vividos a partir deles mesmos ou da congregação. Devem ser entendidos e vividos como uma forma de viver o seguimento de Jesus Cristo. E nesta perspectiva, “é urgente reler os votos (e isto é tarefa de todos e de todas e não apenas de teólogos e teólogas) desde o descentramento, desde a abnegação e mortificação (palavras feias e horríveis em nossa cultura!). É urgente passar do ‘ego-centrismo’ e do ‘comunitario-centrismo’ ao ‘ptochos-centrismo’, passar a que os pobres (*ptochoi*) de Jesus Cristo sejam o referente normativo de nossa vida religiosa. Não se trata, aqui, de que todos e todas tenhamos que estar na mesma missão com eles... Trata-se de termos todos e todas o mesmo referente comum, que não é ideológico mas radicalmente *teológico*”<sup>15</sup>.

Nesta perspectiva, o *voto de pobreza* não pode ser simplesmente uma classificação sociológica ou sinônimo de austeridade e nem mesmo atividade com ou para os pobres, mas participação no despojamento e no des-viver de Jesus e na sua conseqüente *encarnação* na vida e no mundo dos despojados e desvividos; o *voto de obediência* não é submissão ou subserviência (por medo ou cinismo) aos “superiores”, mas obediência ao *Abba* de Jesus Cristo e fidelidade ao seu reinado – justiça aos pobres; o *voto de castidade* não é, simplesmente nem fundamentalmente, renúncia ao casamento ou abstinência/

<sup>14</sup> “Pode-se ter uma correta e ‘ortodoxa’ confissão de fé e um *planteamiento* teológico libertador em sua formulação. Porém podemos gerar modos de estar na vida de discernimento muito pouco discernidos e, portanto, com conseqüências muito pouco ou nada evangélicas”. CATALÁ, Toni. *Seguir a Jesús en pobreza, castidad y obediencia desde los excluidos*, pp. 38s.

<sup>15</sup> IBID, p. 44.

continência sexual, mas viver os afetos e desejos na liberdade do Espírito de Jesus Cristo, amando, gratuitamente a todos, preferencialmente aos pobres e pequenos.

“Quando os votos são vividos desde o *'status confessionis'* e não desde o *'status perfectionis'*, e são vividos diante do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo e não diante de um *'deus-amor'*, deixam de ser um *'ideal'* para ser nossa ferida realidade pessoal no seguimento do crucificado”<sup>16</sup>.

A vida religiosa, segundo Toni Catalá, é um caminho cheio riscos e armadilhas mas também apaixonante no seguimento de Jesus Cristo. Seus fundamentos estão postos de uma vez por todas. Por isso mesmo não crer ter o que “refundar” na vida religiosa. Crer, sim, “no desafio de não esquecer que não fomos chamados e chamadas de um barro distinto do comum dos mortais, que não vamos viver nenhuma perfeição, mas que podemos, por pura graça e fortaleza do Espírito, fazer um pouco mais visível que o único que importa

nesta história é ser fonte de misericórdia e que os pobres de Jesus Cristo encontrem *respiro* e dignificação”<sup>17</sup>.

## II. A “opção” pelos pobres como realidade constitutiva, essencial e fundamental da vida religiosa

Em primeiro lugar é preciso tomar em consideração o fato de que *opção* pelos pobres, na fé cristã, é algo que diz respeito, propriamente, ao Deus (*Abba*) e à prática (reinado de Deus) de Jesus. É Deus mesmo quem toma o partido dos pobres em Israel e, no “fim dos tempos”, em Jesus Cristo. Trata-se de uma *opção* que é, ao mesmo tempo, fruto da gratuidade do seu amor<sup>18</sup> e um ato de justiça<sup>19</sup>.

A revelação de Deus não é comunicação de doutrinas, mas ação salvífico-libertadora das vítimas. Precisamos considerar seriamente o fato de que não temos, na tradição bíblica, uma manifestação de Deus anterior ou à margem de sua *opção* pelos pobres. “Jesus, enquanto confessado como Filho, não é

<sup>16</sup> IBID, p. 43.

<sup>17</sup> IBID, p. 57.

<sup>18</sup> Sobre este aspecto tem insistido muito Gustavo Gutierrez. “Na base dessa opção está a gratuidade do amor de Deus. É esse o fundamento último da preferência... Trata-se de uma opção *teocêntrica* e profética que assenta suas raízes na gratuidade do amor de Deus e que é por ela requerida”. GUTIERREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 1998.

<sup>19</sup> Este aspecto é, para Vigil, uma questão pendente e um desafio para a teologia atual: “Há algum tempo... registra-se uma tendência a recolocar a fundamentação da OP na linha da ‘gratuidade’ de Deus, prescindindo (pois sua negação explícita seria impossível) de sua fundamentação na justiça de Deus. Imperceptivelmente, por esse caminho vai-se na direção de uma OP que representa uma simples ‘preferência’ de Deus, um ‘amor preferencial’ do próprio Deus, não uma parcialização insubornável que Deus não pode deixar de adotar quando se trata de justiça. A linguagem da gratuidade atua como uma suavização da OP, um ocultamento de seus traços mais característicos, uma conciliação com aqueles que negam ao defini-la como uma simples opção ou amor ‘preferencial’”. VIGIL, José Maria. “Opção pelos pobres e trabalho da teologia”, in SUSIN, Luiz Carlos (org). *Sarça ardente*. Teologia na América Latina: Prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2000, 297-307, aqui, 300.

uma manifestação de Deus separada da sorte dos excluídos e sofredores... A divindade não se manifesta e depois opta preferencialmente pelos pobres. Não há manifestação superior às necessidades da humanidade sofredora”<sup>20</sup>.

Em segundo lugar é preciso ter claro que para os cristãos, enquanto seguidores de Jesus Cristo, não se trata propriamente de “opção”, no sentido de que poderia não optar. É uma condição e exigência radicais, inegociáveis, fundamentais. O ser cristão é, definitivamente, marcado e constituído pela parcialidade pelos pobres. É impossível ser cristão (verdadeiro!) e não tomar o partido dos pobres, não assumir sua causa. A não ser que o ser cristão nada tenha a ver ou possa prescindir do messianismo/cristianismo de Jesus: O reinado do *Abba*.

Em todo caso, embora a expressão “opção” seja inapropriada para exprimir a parcialidade pelos pobres que caracteriza e constitui a identidade cristã, continuaremos utilizando-a, aqui (embora entre aspas), dada a importância e tradição que esta expressão tem na Igreja Latino-Americana.

### 1 – “Opção” pelos pobres, simplesmente

Nos anos 70 “opção pelos pobres” se tornou como que o lema ou slogan da Igreja Latino-Americana. Igreja que, como nenhuma outra – respondendo ao apelo de João XXIII na convocação do Concílio Vaticano II – tornou-se a “Igreja

dos pobres”. Se hoje falar de “opção pelos pobres”, ao menos no nível do discurso, é algo “normal” (talvez já não tão normal assim!), não o era em décadas passadas.

A reação a esse *novo* (tão antigo quanto o judaísmo e o cristianismo, pelo menos) jeito de ser Igreja se fez sentir muito cedo dentro e fora da Igreja, inclusive com relação ao discurso. Aí, como era difícil/impossível negar completamente a centralidade dos pobres na vida de Jesus Cristo, começou-se a justapor adjetivações que, mais que precisar o sentido teológico da “opção pelos pobres”, acabava relativizando e suavizando tal “opção”.

Já em Puebla, a “opção pelos pobres” é afirmada como “opção preferencial e solidária” (1134ss) e “não exclusiva” (1145, 1165). Tratava-se claramente de uma ação “corretiva” (!?). E o próprio documento não deixa dúvida a esse respeito (Cf. 1134). Santo Domingo segue o mesmo caminho e consolida a “correção”. Fala de uma “opção evangélica e preferencial, não exclusiva nem excludente” (178).

À primeira vista, estas discussões e matizações podem parecer fecundas e enriquecedoras, e de fato o foram sob muitos aspectos. Mas, por outro lado, mal conseguem esconder a real distância dos pobres e da ação messiânica de Jesus e o real compromisso com os poderosos e os poderes deste mundo, por parte de seus defensores incansáveis. É sintomático!

<sup>20</sup> CATALÁ, Toni. *Saigamos a buscarlo fuera de la ciudad: Notas para una teología y espiritualidad desde el cuarto mundo. Ad modum manuscriptum*, p. 4.

Em todo caso, três coisas nos parecem evidentes a partir da revelação e da fé cristãs. Impõem-se pela força do seu realismo:

1. *Pobres* são, na linguagem de Sobrino, "aqueles que não dão a vida por suposto": "Os que estão embaixo na história e os que são oprimidos pela sociedade e segregados dela; não são, portanto, todos os seres humanos, mas os que estão embaixo, e este estar embaixo significa ser oprimido"<sup>21</sup>.

2. Por *estes* o Deus de Jesus (*Abba*) opta, toma partido, assume sua causa – "sem glosas", diria Francisco de Assis (Test. 12).

3. Aos seguidores e seguidoras de Jesus não resta alternativa senão fazer sua (assumir) a *opção* (que é) de Deus. E isto não significa negação da destinação universal da salvação (1Tm 2, 3s) nem mesmo indiferença pela salvação dos ricos e opressores. Significa, sim, acolher a salvação trazida pelo Cristo que é Jesus de Nazaré (e não auto-salvação ou redução/perversão da salvação às projeções/idealizações, normalmente alheias ao evangelho). Esta passa, necessária e primariamente, pela defesa e garantia da vida dos pobres, embora não se reduza a isso. E não podia ser diferente. Se a salvação tem a ver com vida nova "no Cristo" – vida que só se realiza na comunhão com Deus, comunhão que assume no amor e na misericórdia a totalidade da realidade – ela supõe a garantia e conservação da vida no seu nível mais primário, sua materialidade. Negar a materialidade da

vida é negar possibilidade de uma vida vivida em comunhão com Deus, uma vez que a materialidade da vida é o nível mais elementar e fundamental da vida que deve ser vivida em comunhão com Deus. Por isso mesmo, a universalidade da salvação passa pela parcialidade (pelos pobres) de sua realização histórica.

## 2 – "Opção pelos pobres" X voto de pobreza

Que a "opção pelos pobres" pertença constitutivamente ao seguimento de Jesus Cristo é algo indiscutível, embora o que isto significa e como se efetiva dependa de cada situação concreta. Que a vida religiosa, como um modo de viver o seguimento de Jesus Cristo, suponha, implique... esta "opção" é também algo indiscutível. Que na vida religiosa a "opção pelos pobres" se identifique, sem mais, com o voto de pobreza, como pensam (ou querem) alguns, é bastante problemático.

Em primeiro lugar porque os votos não podem ser vividos e/ou entendidos como departamentos estanques na vida. Se fossem, provavelmente os pobres ficariam encarcerados na cela da pobreza (voto de pobreza). Na sala dos afetos – a mais aconchegante! – estariam os/as convidados/as de honra (voto de castidade). No "tribunal escatológico" estariam sentados os verdadeiros senhores: instituição!?, superiores/as!?, "perfeição"!?, fama!?... (voto de obediência).

Em segundo lugar porque a "opção pelos pobres" deve configurar a vida religiosa toda (pobreza, castidade e obe-

<sup>21</sup> SOBRINO, Jon. *Op. cit.*, p. 126.

diência) de todos os religiosos e religiosas (e não apenas dos e das que trabalham mais diretamente com os pobres) como configurou a de Jesus Cristo – o Crucificado entre crucificados, o ressuscitado que abriu a “porta do inferno” aos crucificados, o que viveu e vive para sempre no des-viver-se pelos pobres.

No que diz respeito diretamente ao voto de pobreza, talvez seja um dos votos que menos se saiba o que fazer com ele<sup>22</sup>. O desconcerto é tamanho que um religioso jesuíta que se destaca pela radicalidade de sua “opção pelos pobres” no primeiro mundo (!) e pela lucidez teológica, Toni Catalá, chega a afirmar: “Por mais que nos doa, já que no momento não sabemos dar outro nome a este voto, imagino que no futuro encontraremos outro nome que não mascare nossa realidade”<sup>23</sup>. Em todo caso, sugerimos alguns pontos que possam ajudar na reflexão sobre este voto e na sua relação com a “opção pelos pobres”:

1. O voto de pobreza, na realidade concreta da grande maioria das congregações religiosas, não se identifica com a pobreza sociológica. Por isso diz Catalá: “Nós temos que dizer bem claro que os pobres não somos nós. Se não nos dizemos, mentimos a nós mesmos; e então as palavras não dizem nada”<sup>24</sup>;

2. Nem mesmo a inserção geográfica na periferia torna os religiosos e religiosas pobres com os pobres. Muitas ve-

zes quando entramos numa casa religiosa na periferia dá a impressão que mudamos, a toque de mágica (ou de um controle automático!), de bairro. Mas, mesmo nas casas mais populares, normalmente, a vida não é um risco. Na hora da precisão se sabe onde e a quem recorrer. E aí fica claro quem são (ou não são) os pobres;

3. O voto de pobreza, parece-nos, não deve ser reduzido ou identificado com austeridade de vida (mesmo que dela não prescindia). Além da austeridade poder ser vivida sob o jugo da lei (porque é o jeito, porque sou obrigado/a), pode não gerar solidariedade, misericórdia (economizo, mas não reparto. Acumulo!);

4. O voto de pobreza, enfim, não deve ser reduzido ou identificado nem mesmo com o trabalho pastoral junto aos pobres. Isso além de tornar o voto de pobreza um voto de alguns (dos que trabalham com os pobres) ou dispensar a grande maioria dos religiosos desse voto (os que não trabalham com os pobres), pode torná-lo um fardo a mais para os pobres. Eles podem acabar se tornando um peso ou um sacrifício muito grande. Ou, pior ainda, além de um fardo, um instrumento útil em nossa vida: cuidando dos pobres, além de ser bem visto pelo mundo (dependendo do tipo de cuidado), ganhamos ponto com Deus. Fazemos não por eles mesmos, que não merecem. Fazemos por deus ou a deus (seja lá qual for!). É

<sup>22</sup> CATALA, Toni. *Seguir a Jesús en pobreza, castidad y obediencia desde los excluidos*. Op. cit., p. 46.

<sup>23</sup> IBID.

<sup>24</sup> IBID, p. 47.

terrível constatar como se trafica com a dor e o sofrimento dos outros. Além do peso que é a sua vida, ainda têm que nos suportar tornando-se escada que nos leva (os bonzinhos) para deus. Pior ainda, quando se trata de tráfico religioso travestido de cristão. Vale aqui a advertência de González Faus: "O copo d'água dado ao pobre não poderia alcançar a Cristo se não alcançou primeiro a sede desse pobre"<sup>25</sup>.

O voto de pobreza, ao invés, deve ser vivido e compreendido sob um duplo aspecto: por um lado como um assumir a nossa condição criatural (não somos Deus) e pecaminosa (lutamos contra Deus); por outro como um assumir (no limite e no pecado) o Caminho de Jesus Cristo - "o que passou fazendo o bem" (At 10,38). Ambos os aspectos, parecem-nos, só são possíveis na proximidade (não apenas geográfica) aos pobres desse mundo. Eles não apenas nos devolvem à nossa condição criatural e nos revelam (pela simples presença) nossa condição pecaminosa; mas nos dizem o que é preciso fazer, sentir e pensar no Caminho, e são, eles mesmos, caminho. A proximidade a eles permite viver "a pobreza evangélica como aceitação da própria limitação e precariedade junto com a possibilidade de aliviar sofrimento"<sup>26</sup>. É aí que a austeridade, a inserção e o trabalho mais direto com os pobres fincam raiz.

### III. "Opção" pelos pobres hoje

Uma vez que a vida religiosa é um modo concreto de viver o seguimento de Jesus Cristo; que este seguimento implica e exige a "opção pelos pobres"; que ambos (o seguimento e, nele, a "opção pelos pobres") são históricos, reais e concretos, resta a pergunta: Como vivê-los hoje?

A pergunta pelo *hoje* da "opção pelos pobres" implica tanto uma *percepção real* (com todos os sentidos: ver, ouvir, tocar, pensar...) *dos pobres reais*, quanto uma *percepção e vivência reais do carisma* de cada congregação.

No que diz respeito à *percepção real dos pobres reais*, precisamos vencer tanto a tentação de espiritualizar os pobres (pobres espirituais)<sup>27</sup>, quanto a tentação da onisciência que nos indis põe a aproximarmo-nos dos pobres reais e do seu mundo real (conhecimento prévio dos pobres e da pobreza).

Precisamos deixar que os pobres mesmos nos "digam" (com sua vida e não apenas com palavras) quem são e como é o seu mundo. Isso supõe um des-instalar-nos de nós mesmos, um abrir-nos a eles. Esta atitude, além de respeitosa e honesta, liberta-nos da tentação da espiritualização e da idealização (positiva ou negativa) dos pobres e do seu mundo. Os pobres são o que são (no pecado e na graça) e não aquilo que imaginamos ou queremos que eles se-

<sup>25</sup> GANZÁLEZ FAUS, José Ignacio. *La humanid nueva: Ensayo de Cristología II*. EAPSA - Hechos y dichos - Mensajero: Razon y Fe - Sal Terrae, 1979, p. 646.

<sup>26</sup> CATALÁ, Toni. *Op. cit.*, p. 49.

<sup>27</sup> É bom não esquecer que mesmo quando a Escritura fala de "pobre espiritual" (Mt 5, 3; Gl 4, 9; Ap 3, 17), a expressão grega utilizada para designar tais pobres é *ptochos*, do verbo *ptosso*: agachar-se, encolher-se. O "espiritual", aí, não anula o pobre, mas o qualifica.

jam. O seu mundo é um mundo complexo e plural. Embora a pobreza econômica seja a expressão limite do empobrecimento e da exclusão (qualquer forma de exclusão supõe, ao menos, a existência dos excluídos; e esta não é possível sem a satisfação mínima das necessidades materiais), há outras formas de empobrecimento e de exclusão: social, política, religiosa, sexual, étnica... A realidade do pobre não pode ser reduzida a apenas uma dimensão, como se as outras fossem privilégio dos não pobres.

No que diz respeito à *percepção e vivência reais do carisma* de cada congregação religiosa, é preciso superar toda forma de fundamentalismo e idealismo. Fidelidade ao carisma não significa repetição, imitação. Ninguém é chamado a imitar ninguém. Ninguém tem vocação de papagaio. O carisma de uma congregação não se identifica, sem mais, com sua configuração histórica nas origens, embora não se tenha acesso a ele senão mediado por sua configuração histórica inicial. O "espírito" não se identifica com a "letra", mesmo que sempre se materialize em "letra". Permitam-nos um exemplo arbitrário (!?): O hábito franciscano. É evidente que ele, hoje, não é o mesmo que no século XIII. Se em Francisco era sinal de radical proximidade aos pobres de Assis; hoje, numa periferia, numa favela, num lixão... talvez seja o contrário. A "letra" (hábito) pode ser a mesma, o "espírito" (radical proximidade aos pobres) não! Tomemos, ainda, outro exemplo (mais complexo e polêmico): As "obras" das congregações (colégios,

hospitais...). Embora sendo a mesma "letra", tem o mesmo "espírito" que nas origens? A razão fundamental pela qual muitas congregações mantêm tantos colégios, hospitais..., em sua grande maioria particulares, diga-se de passagem, é a mesma das origens? Não é, em última instância, por uma razão empresarial travestida de religiosa (e não só por questão de filantropia, mas também por desengano de consciência)? Precisamos ser reais e honestos com nós mesmos e com os outros. Só a verdade liberta!

Além do mais, enquanto um carisma qualquer é carisma no seguimento de Jesus, e, neste, os pobres têm um lugar central, há que se perguntar sempre pela centralidade dos pobres na vivência do carisma. Digo *centralidade*. E não simplesmente assistência filantrópica (com o imposto não pago ao governo).

De modo que por uma ou por outra razão, a "*opção pelos pobres*", hoje, passa, em primeiro lugar, por uma disposição a sermos reais no seguimento de Jesus. E reais no pecado e na graça. Este realismo exigido pela "opção pelos pobres" é, numa linguagem dogmática, a participação no mistério da Encarnação de Jesus Cristo: encarnar-se (tomar carne) no mundo dos pobres; ou ainda, se quiser, a participação no seu mistério kenótico (Fl 2,5-11). Noutras palavras, trata-se de um "sentir e pensar" (Fl 2,5) ativos, ao mesmo tempo configurado pela realidade (ou mais precisamente pelo avesso da realidade) e configurador dessa mesma realidade (na fidelidade ao Pai e ao seu reinado). Esse dado fundamental dá fé - "a Palavra se fez car-

ne" –, que exprime a vontade e a decisão de Deus de ser real, diz Sobrino, constitui "o paradigma perene para a fé, para a Igreja e para a teologia"<sup>28</sup>. E isso tem sérias conseqüências para o assumir real da "opção pelos pobres".

Em primeiro lugar, *encarnar-se* (tomar carne) no mundo dos pobres é sentir-se responsável por ele. *Encarregar-se* dele. O que acontece aí me diz respeito. Mais. De alguma forma acontece comigo mesmo. Não posso ficar alheio ou lavar as mãos diante do que acontece com os pobres. Nem posso reagir de qualquer modo. No seguimento de Jesus, a única reação possível diante do sofrimento (provocado pela pobreza, pela exclusão, pela dor) é a misericórdia, uma reação movida e justificada unicamente pelo sofrimento alheio interiorizado. Ele é, portanto, o princípio configurador da ação ou reação misericordiosa<sup>29</sup>. De modo que encarnar-se "significa *levar a cabo uma missão*, anunciar a boa notícia do reino de Deus, iniciá-lo com sinais de todo tipo e denunciar a espantosa realidade do anti-reino"<sup>30</sup>.

E aqui não se tem receita. Cada realidade é uma realidade e exige um tipo de reação. A criatividade e profecia, dons do Espírito de Jesus Cristo, se impõem. O que deu certo em uma situação pode não dar certo em outra. Uma metodologia pode funcionar bem aqui, mas não ali. A necessidade maior dessa pessoa ou desse grupo pode não ser a

da outra pessoa e do outro grupo. Ninguém é salvador da pátria, nem onipotente, nem onisciente... Mas podemos, sim, ser fontes de misericórdia, aliviar a dor e o sofrimento dos irmãos. Caminhar, abrir caminhos, ser caminho...

Em segundo lugar, *encarnar-se* no mundo dos pobres é *carregar* o mundo dos pobres. Isso não significa nem masoquismo, nem desejo místico de identificação com o crucificado, nem euforia revolucionária, mas simplesmente uma conseqüência do encarnar-se no seu mundo. O assumir realmente a realidade e a causa dos pobres tem conseqüências: A vida e morte de Jesus e dos mártires que o digam.

O mundo dos pobres é muito duro e pesado. Aí, especialmente, o pecado se faz sentir com toda sua fúria e perversidade – como realmente mortal. Encarnar-se neste mundo é, de alguma forma, carregá-lo. Quem já tomou ou toma parte neste mundo sabe o que significa. Muitas vezes dá a sensação que Satanás não foi vencido, que quanto mais se reza mais assombração aparece. A impotência, a frustração, a desesperança, a revolta... se fazem sentir. E não vale simplesmente "dizer" que "Jesus salva", que "Jesus é a solução", "Jesus te ama"... Aí muitas vezes só se consegue gritar/murmurar: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?" (Mc 15, 34). Sem falar nos conflitos, nas perseguições, ameaças e até morte.

<sup>28</sup> SOBRINO, Jon. "Teologia e realidade" in SUSIN, Luiz Carlos (org). *Terra Prometida: Movimento social, engajamento cristão e teologia*. Petrópolis: Vozes, 2001, pp. 277-309, aqui, 287.

<sup>29</sup> Cf. IDEM. "Igreja Samaritana e princípio misericórdia", in: *O princípio misericórdia: Descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, 31-45.

<sup>30</sup> IBID, p. 31.



Finalmente, e em terceiro lugar, *encarnar-se* no mundo dos pobres é *deixar-se carregar* por ele. Afinal, este mundo, contra todas as evidências, é um mundo agraciado por Deus. Deus está aí. Jesus, Jó e os pobres que o digam. Um acontecido na Alemanha pode bem ilustrar o que queremos dizer. Em 1967, em Münster, realizou-se um painel entre o filósofo tcheco Milan Machovec e os teólogos Karl Rahner e Johann Baptist Metz. No final do colóquio, Machovec, recordando uma palavra de Adorno – “depois de Auschwitz não há mais poesia” (Auschwitz foi um campo nazista do holocausto judeu) – perguntou a Metz se ainda poderia haver orações para os cristãos depois de Auschwitz. E ele respondeu: “Nós podemos rezar *depois* de Auschwitz, porque se rezava *em* Auschwitz”<sup>31</sup>. É importante “insistir no momento do ‘deixar-se’ agraciar, ‘deixar-se’ carregar, pois o ‘deixar-se’ sempre tem contra si, como perigo, a *hybris*, a arrogância dos humanos”<sup>32</sup>.

Se antes insistíamos contra a idealização romântica dos pobres, acentuando a força e a mortalidade do pecado, aqui insistimos contra a satanização do seu mundo. Aí há muitos valores. Não somos os bons, os de Deus que vamos aos maus, aos do capeta. Antes de nós chegarmos Deus já está aí e nos fala e nos conduz a partir daí. E o primeiro e mais fundamental sinal da presença de Deus no mundo dos pobres e da sua fidelidade a Deus é a luta pela vida. No viver e dar a vida está a santidade no

seu nível mais primário e fundamental<sup>33</sup>. E esta santidade nos converte, nos salva e nos redime.

#### IV – Os pobres são nossos juizes e senhores

Sem dúvida nenhuma, o maior mérito da Teologia da Libertação tem sido ajudar a Igreja toda a redescobrir/reassumir a densidade teológica dos pobres. Neles, Deus, na medida em que pela sua encarnação assumiu toda carne humana (a partir da carne crucificada) continua sendo rejeitado e crucificado; eles revelam pela sua mera existência o pecado do mundo; são os destinatários privilegiados do reinado de Deus – a realização de sua justiça, sempre parcial; são o clamor/palavra/chamado mais autêntico de Deus à conversão do mundo. Eles são os preferidos de Deus. Ele os ama mais que aos que damos a vida por suposto.

E assim os ama, não por méritos pessoais (piedade, simplicidade, bondade...), mas simplesmente pela situação em que se encontram. Por um ato de justiça. O Deus de Jesus não é imparcial nem ama igualmente a todos. E nem poderia fazê-lo, em vista mesmo da igualdade. Em um mundo onde a balança pende sempre para o lado mais forte, para que haja verdadeira igualdade, é preciso privilegiar o lado mais fraco. Onde há, de fato, dois pesos, tem que haver duas medidas.

O Deus de Jesus toma o partido dos pobres. E é a partir destes que se aproxima e salva os que não somos pobres.

<sup>31</sup> METZ, Johann Baptist. *Para além de uma religião burguesa*. São Paulo: Paulinas, 1984, pp. 27s.

<sup>32</sup> SOBRINO, Jon. “Teologia e realidade”. *Op. cit.*, p. 307.

<sup>33</sup> Cf. IDEM. “Reflexões a propósito do terremoto de El Salvador”. *Convergência* 340 (2001) 110-118.

Seu reinado é destinado aos pobres e só através deles chega aos demais, torna-se universal. Noutras palavras, ele só nos afeta na medida em que, de alguma forma, comungamos com o destino dos pobres.

O mundo, a Igreja e, nela, a vida religiosa serão julgados pelo que fizerem ou não em favor dos pobres: "Eu garanto a vocês: Todas as vezes que fizerem isso a um desses menores dos meus irmãos, foi a mim que o fizeram... Todas as vezes que vocês não fizerem isso a um desses pequeninos, foi a mim que não o fizeram" (Mt 25,40.45).

A identidade cristã da vida religiosa, sua legitimidade, sua eficácia... se medem não pelo seu crescimento, pela sua coesão interna, pelo sucesso de suas ações, nem mesmo pela quantidade e intensidade de suas práticas religiosas; mas pela capacidade de tornar os religiosos e as religiosas bons samaritanos – pessoas que aliviam a dor e o sofrimento (econômico, político, psicológico, cultural, religioso, sexual, étnico...) dos pobres deste mundo. Eles têm a última palavra sobre a vida religiosa, como a têm sobre

o mundo e a Igreja. São seus/nossos juízes!

E o são por escolha do próprio Deus que os fez, nas palavras de São Gregório de Nissa (335-394), seu "representante" na terra. "Assim é, porque o Senhor, por sua própria bondade, lhes emprestou sua identidade a fim de que por ela como-avam aos que são duros de coração e inimigos dos pobres... Os pobres são os despenseiros dos bens que esperamos, os porteiros do reino dos céus, os que o abrem aos bons e o fecham aos maus e desumanos. Eles são, por sua vez, duros acusadores e excelentes defensores. E defendem ou acusam, não pelo que dizem, mas pelo mero fato de ser visto pelo Juiz. Tudo o que se fizer a eles grita diante daquele que conhece os corações com voz mais forte que dum arauto"<sup>34</sup>.

---

Francisco de Aquino Júnior – Mestre em Teologia pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus em Belo Horizonte – MG; presbítero; professor de teologia no Instituto Teológico Pastoral do Ceará em Fortaleza; membro da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e coordenador de Eixo-Ação da Pastoral Diocesana de Limoeiro do Norte – CE  
Endereço do autor:  
Caixa Postal 27 CEP 62930-000  
Limoeiro do Norte – CE

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Qual a realidade central e configuradora da vida de Jesus Cristo?
- 2- Qual a realidade central de nossa vida pessoal, comunitária e institucional? Quem está no centro de nossos afetos, de nossas reuniões, conselhos e assembléias?
- 3- Tocando numa realidade central do nosso mundo, de onde vem e em que gastamos o dinheiro de nossa comunidade, província...?
- 4- Que lugar real os pobres reais ocupam em nossa vida pessoal, comunitária e institucional?

---

<sup>34</sup> Apud. GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio. *Vigários de Cristo: Os pobres na teologia e na espiritualidade cristã* – antologia comentada. São Paulo: Paulus, 1996, p. 23.

# O caminho do discipulado

## A boa notícia na memória da mulher

IR. IVONI FRITZEN

*“Em verdade vos digo, onde quer que seja anunciado o Evangelho, será contado em memória, o que esta mulher me fez” (Mc 14,9)*

Nesta breve reflexão procuro resgatar o discipulado como caminho, como prática e como testemunho dos valores do Reino de Deus. A prática do discipulado no caminho para Deus manifesta-se de variadas formas no decorrer da história das mulheres e dos homens situados. Neste sentido, relendo a tradição bíblica, encontra-se uma nova evidência na presença e atuação das mulheres discípulas com Jesus e pelo Reino de Deus.

Ser discipula(o) no limiar deste novo milênio é, pois, viver com intensidade a presença de Deus e anunciar com palavras e gestos esta grande “Boa-Notícia” capaz de indicar um novo tempo que assegura a vida, a dignidade, o mistério maior.

### O discipulado na perspectiva bíblica

Ser discipula(o) é estar a caminho. Caminhar, olhar, observar, considerar, colaborar, transformar. Andar nas mesmas pegadas do Mestre ou da Mestre da Vida, a ponto de fazer o mesmo, compartilhando em todos os níveis o mesmo destino.

Na perspectiva bíblica constatamos o discipulado em etapas diferentes. Nos livros bíblicos (1Rs 19,19 e Is 8,16), aparecem os discípulos dos profetas e nos livros sapienciais aparecem os discípulos dos sábios (Pr 18,10 e Pr 2,1). Encontramos igualmente citações em que os discípulos seguem a Deus, são discípulos de Deus. É como a sabedoria personificada (Pr 1,20; 8,4ss. 32). Ninguém precisa mais dos mestres terrestres (Jr 31,31-34). Todos são discípulos de Javé (Is 54,13).

Estar no caminho do discipulado é um convite de Javé a todo ser humano, aos homens e mulheres, aos jovens e idosos. Não há privilégio no convite. Importante é colocar-se no caminho, na abertura e no desejo de aprender e acolher o dom de Deus (SI 119 e S1 35) e configurar-se com o mestre todos os dias. Reconhecer que a cada momento Deus abre os ouvidos e dá uma língua de discípulo (Is 50,4).

Na dinâmica do movimento de Jesus, está no caminho do discipulado quem o reconhece e se põe a caminhar com a bandeira da vida. A discipula(o) é acolhida no grupo que constitui o movimento, convive partilhando da mesma proposta em luz, luta, alegria, perseguição, partilha do mesmo destino. O envio é pelo mundo inteiro, a todas as pessoas (Mt 10,1-12; Lc 6,17; Lc 10, lss).

A condição é não levar nada pelo caminho. O princípio da desapropriação é o núcleo para a liberdade do anúncio e do testemunho. Não tendo nada de próprio, Deus, torna-se o TUDO, assim, a pessoa torna-se realmente anunciadora da paz e do bem, um instrumento do Reino de Deus.

No movimento do discipulado, homens e mulheres seguem Jesus. Algumas pessoas deixando também a sua casa, a sua cidade, seguem-no e servem-no em todas as necessidades (Mc 15,40-41; Lc 8,1-3).

Olhando para a história do discipulado a partir de Jesus, nos remetemos às raízes judaicas, ao contexto e à cosmo-visão própria, e, do seu interior, buscamos redescobrir Jesus, pois, do contrário, estaríamos fortalecendo o patriarcado religioso ocidental e abandonando as histórias de nossas antepassadas judias que entraram na visão e no movimento de Jesus. O discipulado de iguais suscitado por Jesus era um discipulado judaico. Por isso torna-se necessário analisar as estruturas patriarcais dominantes do mundo greco-romano em que emergiu o cristianismo.

A reconstrução do movimento de Jesus como discipulado de iguais é historicamente plausível na medida em que esses elementos são pensados no contexto da vida e da fé judaica. A grande novidade instaurada por Jesus está no anúncio do ser "Boa-Nova", encarnação de Deus (Jo1,1-10), habitação de Deus entre a humanidade, o que vai delin-

ando o envio e o anúncio do Reino e não apenas da Torá (a lei). Este caminho é caminho de aproximação, de humildade, de simplicidade, de acolhida do Dom de Deus.

A práxis do discipulado de Jesus é compreendida desde o movimento intra-judaico, que se apresentou numa visão alternativa às estruturas patriarcais dominantes, mais do que, uma oposição que rejeitava os valores e a práxis do pensar do judaísmo. Elisabeth S. Fiorenza afirma que "na medida em que o passado cristão está ligado intrinsecamente às suas raízes no judaísmo pré-rabínico devemos procurar reconstruir a experiência histórica das mulheres cristãs que estiveram nos primórdios do cristianismo".<sup>1</sup>

No contexto judaico dos anos 70 d.C. o status sócio-religioso determinava-se pelo grau da autonomia econômica e seus papéis sociais, antes determinados por princípios ideológicos ou prescritivos, revelam certa independência. As mulheres judias partilhavam dos privilégios e dos limites impostos pela cultura do seu tempo. Por exemplo: "Na colônia judaica de Elephantine, as mulheres partilharam de plena igualdade com os varões. Elas eram alistadas em unidades militares, eram notáveis entre os contribuidores ao fundo do templo e tinham todos os outros direitos dados às mulheres na lei Egípcia. Como as princesas Selêuticas ou Ptolomaicas, a rainha Alexandra reinou por nove anos à maneira das rainhas elenistas, e a irmã do último rei

<sup>1</sup> FIORENZA, Elisabeth S. As origens cristãs a partir da mulher. Uma nova hermenêutica. Paulinas, São Paulo, p. 136.

Macabeu, Antígono, defendeu a fortaleza de Hircânia contra os ataques militares de Herodes Magno".<sup>2</sup>

As mulheres no movimento cristão enfrentaram a realidade, assumindo uma prática de evangelização desde as casas, conhecidas posteriormente como "casas-igrejas". Outras se dedicavam à evangelização fazendo viagens missionárias. Algumas aparecem como coooperadoras e colaboradoras de Paulo. Encontramos muitas mulheres, entre elas: Prisca, Ápia, Febe, Júnia, Maria, Trifena, Trifosa, Pérside (Rm 16,6.12) que muito têm labutado no Senhor. Paulo afirma também que as mulheres trabalhavam com ele em pé de igualdade, combateram lado a lado com ele (Fl 4,1-2), é o caso de Evódia e Síntique. Em Romanos 16,1ss aparece Febe como irmã e diaconisa. Também encontramos o trabalho evangelizador no discipulado de parceiros missionários como Prisca e Áquila, Andrônico e Júnia, os quais eram importantes membros do círculo dos apóstolos.

Em Gl 3,28 encontramos uma visão alternativa: "Em Cristo, não há homem nem mulher; grego ou judeu; escravo ou livre". Esta afirmação, segundo estudos feitos, provém de uma fórmula batismal antiga e agora citada por Paulo. O interesse é a relação religiosa entre judeus e gentios, homens e mulheres, servidão ou escravidão. O conteúdo da fórmula consiste na unidade com Cristo: "Vós sois todos crianças de Deus. Pois os muitos que se batizaram em Cris-

to, vestiram-se de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher. Pois, vós todos, sois um".<sup>3</sup>

Portanto, o discipulado de iguais, constitui-se um movimento do Espírito que unifica em Cristo o que concretamente refaz a vida desde os seus comportamentos de respeito, de reciprocidade, de igualdade. Em Cristo, não deve haver diferença de classe, de sexo, de raça/etnia. Nele somos estamos a caminho num movimento pela vida em dignidade e paz.

## **As discípulas e os discípulos no Mistério de Deus**

O núcleo de sustentação na vivência do discipulado encontra-se na experiência mística pessoal de cada pessoa. É o mistério de Deus que envolve, que chama e que a cada dia abre os ouvidos e fala ao coração fazendo discípulas.

A discípula(o) é a personificação da sabedoria que se encontra nas ruas, praças e em todos os lugares. É a sabedoria que a experiência mística resgata a cada dia, ao reacender novamente o ardor no caminho, refazer as forças, alimentar a esperança.

É a experiência do mistério que fascina e une o coração "àquele, cuja beleza todos admiram, cuja feição apai-xona, cuja contemplanção restaura, cuja bondade sacia, cuja suavidade preenche, cuja lembrança ilumina suavemente, cujo perfume dará vida aos mortos, cuja visão gloriosa tornará felizes to-

<sup>2</sup> Ibidem, p. 138.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 242.

dos os cidadãos da celeste Jerusalém".<sup>4</sup>

O mistério de Cristo no ser humano se dá no processo kenótico do próprio Deus (Fl 2,5-11). De condição divina, não se apegou, mas, esvaziou-se assumindo a condição de servo. Assim a vida consagrada está convocada, neste novo milênio a esvaziar-se de tudo o que foi ajuntando e encastelando, desde as idéias de Deus, muitas vezes longe da realidade prática e da experiência pessoal das pessoas consagradas. O caminho é de aproximação ao mundo dos excluídos, isto é, ao mundo de todas as pessoas ou grupos que estão fora do círculo da comunidade mundial globalizada e, às vezes, fora da comunidade religiosa situada, na qual fez a sua profissão religiosa.

O discipulado não se define no aqui ou acolá. Ele vai acontecendo no caminho de todos aqueles e aquelas que se colocam a caminhar. A direção aponta para os mais sofridos da humanidade, nos contextos mais diferenciados, do deserto da grande cidade ao submundo das favelas ou das ruas. Em situações pessoais ou grupais, fáceis ou difíceis, os contextos de missão são os mais diversificados.

Como Jesus, as discípulas e os discípulos, se fazem solidários com o mundo dos excluídos e, entre estes, compartilham a sua vida e anunciam a esperança no mistério de amor de Deus. A vida no mistério de Deus implica na vivência comprometida do mesmo destino do mestre, implica a comunhão consigo mesmo, com os outros e as ou-

tras, com o cosmos, implica em deixar-se transformar pelo dinamismo do Reino anunciado por Jesus.

A vida no discipulado é vida de comunhão e compromisso, é dom e tarefa concreta no cotidiano da vida. É dom por que é graça, é tarefa no sentido de compartilhar os mesmos sentimentos de Jesus na vida concreta, pois, quem diz que permanece com Ele, deve viver como Ele viveu (LJo 2,6).

Na relação discípulo e mestre percebemos que Jesus não traz uma nova doutrina, os seus ensinamentos eram a sua vida. A vida é concreta, ela se exprime em gestos e ações, dela fazem parte os desafios e as adversidades. Na vida consagrada, a atitude contemplativa de quem experienciou profundamente a presença de Deus, sente-se impulsionado a entrar no movimento do Reino, no movimento de vida que transforma e reconstrói a história. Neste processo ocorre uma purificação das imagens falsas, dos conceitos unilaterais, e aprende-se a comunicar na transparência e acolhida, o dom de Deus. A sua presença livre e libertadora convida a libertação de todas as amarras, escravidões e medos. A liberdade de Jesus não termina em si mesma, ela está em função do Reino, direcionada para a autotranscendência do amor. Sua liberdade é libertadora, faz saltar as cadeias da auto-justificação das imagens opressoras de Deus.

Jesus é a esperança, segui-lo significa sintonizar e continuar o seu projeto participando de seu dinamismo messi-

<sup>4</sup> PEDROSO, José Carlos. Fontes Clarianas, Vozes, Petrópolis, 1994, p. 211.

ânico. Segui-lo é, também, fascinante-se na esperança. "O mistério não é para a pessoa só, o espantoso, é, também, maravilhoso. Ao lado deste elemento perturbador, aparece algo que seduz, arrasta, arrebatando estranhamente, ...o que chamamos de, o fascinante"<sup>5</sup>. Participar do mistério é muito mais do que sentir-se tranqüilo, ganhar confiança, é compartilhar da mesma realidade e da mesma causa. A posse do Numem e a adesão ao numinoso tornam o ser humano unidade em Cristo, com Cristo, por Cristo. Isto é oferenda doada à fonte de toda a Vida -Deus.

### **Em memória onde for anunciada a Boa Nova, o que ela fez será contado**

Fazendo um paralelo com algumas mulheres do Novo Testamento, olhemos para esta mulher, a mulher do perfume (Mc 14,1-9). Jesus está em Betânia, casa de Simão, o leproso. Estão à mesa. Uma mulher se aproxima, traz consigo um frasco de perfume, quebra-o e unge a Jesus. E após uma conversa provocada sobre o dinheiro e os pobres, Jesus afirma: "Em verdade vos digo, onde quer que seja anunciado o Evangelho, será contado em memória o que esta mulher me fez" (Mc 14,9).

Em verdade será feita memória dela. Fazer memória é tornar viva e atual a vida e os acontecimentos que marcaram a história. É reapropriar-se da força originária do discipulado de Jesus. Evangelho e memória da ação da mulher andam juntos, não podem ser es-

quecidos pelo valor que significam na história. É a novidade que se instaura a partir das raízes judaicas. É Jesus o Evangelho que, na quebra do alabastro, gesto da mulher, rompe com o sistema que impede a vida e alimenta a desigualdade permitindo, assim, a passagem para um novo tempo com um novo perfume que se espalha desde o interior da casa, núcleo da sociedade.

A linguagem introduz uma novidade de relacionamento entre as pessoas, entre o anúncio e o memorial Boa Nova e memória da ação da mulher. A força simbólica e ao mesmo tempo transformadora que ocorre, restabelece os princípios do Reino de Deus, faz saltar as cadeias da auto-justificação e das imagens opressoras de Deus, e direciona a vida para a auto-transcendência do amor.

A relação discípulos e discípulas neste movimento inspirado por Jesus, requer, não apenas discursos, mas, relações de paridade e reciprocidade. A memória desta mulher que resgatamos é a memória do discipulado da esperança que traz desde as suas origens, um perfume precioso que precisa ser espalhado entre todas as pessoas. É o resgate do projeto novo instaurado que agora deve prosseguir no movimento cristão.

Ser discípula(o) é pertencer ao Reino, é trabalhar para que a vida seja transformada. O discipulado se dá no caminho, nele peregrinamos anunciando a paz, numa atitude livre e aberta que acolhe a cada dia como dom de Deus e bendiz a vida em missão evangelizadora.

A fonte do discipulado está em Deus

<sup>5</sup> OTTO, Rudolff. O sagrado. Estudo sobre a condição humana, Cultrix, p. 50.

que se revela no mistério ora fascinante ora tenebroso. Maria Madalena na sua experiência de vida, experimenta o fascínio e o tremor na relação com o próprio Jesus, o Cristo. Discípula desde a Galiléia, ela acompanha Jesus. Enfrenta junto com as outras mulheres a dura experiência da morte violenta a que submeteram Jesus. Ela aguarda a ressurreição, a continuidade da vida e do processo instaurado por Jesus. Na narrativa da ressurreição, Madalena, ainda de madrugada, vai ao lugar onde colocaram Jesus. Não o encontrando, refaz em si a esperança do movimento do discipulado de iguais, vai à casa de Pedro e do discípulo amado, ela os chama. Eles acolhem a proposta de Maria Madalena, se dirigem ao túmulo, mas, após observarem os fatos, voltam para casa. Madalena, no entanto, permanece próximo ao túmulo pensando consigo mesma sobre a realidade deste mistério que se envolvia na história da salvação. Procurando, chorando, perguntando, caminhando, Ela mesma foi fazendo um processo de reconhecimento desta realidade Deus em sua vida. Quando, de repente, religa em si todas as forças, Ela ouve uma voz que lhe diz: Maria. Ela volve-se e exclama: Rabi, o que significa, Mestre! É o encon-

tro revelador da presença Numínosa do Deus conosco. E eis que o Ressuscitado a envia em anúncio para todos "Em verdade vos digo, onde quer que seja anunciado o Evangelho, será contado em memória o que esta mulher me fez". É a Boa Nova e a memória da ação da mulher, a referência para o discipulado no limiar deste novo milênio.

A vida consagrada está convocada a caminhar. Caminhar como Discípula na direção das pessoas mais excluídas de nossas realidades mais concretas. Caminhar sustentadas pela força do alto, pela experiência do mistério que está em nós, nos habitando, nos enviando e nos acompanhando. Caminhar acreditando na presença do reino de paz, amor, justiça, vida.

Somos como vida consagrada, peregrinas da esperança, anunciadoras do vinho novo e profetizas da Boa-nova, sinais de unidade nAquele que é com-nhão, trindade.

Que o perfume novo se espalhe e faça de todas as mulheres e homens que abraçam o caminho cristão um discipulado de iguais numa comunidade de amor.

Endereço da autora:  
Caixa Postal, 31  
78680-970 - Cocalinho - MT

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Em nossa realidade e caminhada, o que significa ser discípula?
- 2- O que você pensa sobre esta reflexão "boa nova e memória da mulher" no discipulado?



# III Fórum Social Mundial (FSM)<sup>1</sup>

PE. JOSÉ ERNANE PINHEIRO

**“As alternativas propostas no FSM contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais. Elas visam fazer prevalecer, como uma nova etapa da história do mundo, uma globalização solidária que respeite os direitos humanos universais, bem como os de todos os cidadãos/as em todas as nações e o meio ambiente, apoiada em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social e da soberania dos povos” (Carta de Princípios do FSM, art. 04)**

O Secretário Geral da ONU, Sr. Kofi Annan, em carta aos participantes da terceira edição do Fórum Social Mundial – a assembléia central dos povos do mundo, bem expressa o clima do evento: “Vocês se reúnem num contexto de grande ansiedade – a possibilidade de guerra no Iraque, a proliferação nuclear na península da Coréia, a escalada de violência no Oriente Médio e a possibilidade de novos ataques terroristas... Mas vocês também estão reunidos movidos por profunda preocupação em torno de um gran-

de número de outras questões que estão no centro da expectativa mundial por segurança, prosperidade e paz. O drama das pessoas mais pobres e dos países menos influentes do mundo; a disseminação indiscriminada da AIDS; o contínuo saque aos recursos do meio-ambiente; a injusta distribuição dos benefícios da globalização...”

De fato, o Fórum, reafirmando a confiança de que “outro mundo é possível” se moveu em torno de dois temas fundamentais citados pelo secretário da ONU: contra as guerras que já avassalam os povos e contra a globalização de mercado que domina o mundo, explicitando a consciência mundial, em sua diversidade cultural.

No entanto, a terceira edição do Fórum Social tinha uma característica para além dos Fóruns anteriores: não só se propunha fazer um encontro das entidades e uma análise da conjuntura mundial em suas mazelas e esperanças. O III FSM acentuou a necessidade de dar um passo adiante – através de apresentação de **Propostas, recolhidas e assumidas pelos delegados/as nas oficinas, nos seminários** realizados durante as atividades. Para isto, foi instalado **um Mural de Propostas** no Cen-

<sup>1</sup> Qualquer leitura do FSM é uma leitura. O conjunto do evento, com tantas atividades e tão grande número de pessoas, se tornou complexo para uma visão global. O máximo que podemos fazer é dar impressões, tentando caracterizar as grandes linhas e o clima que reinava nestes dias de esperança viva de que outro mundo é possível.

tro do Evento, na PUC, para acolhê-las.

Diz o Caderno da programação do III FSM: "Em um mundo que enfrenta desafios imensos como a iminência de uma nova guerra, a crescente destruição do planeta e de seus recursos naturais, e a imposição de um modelo neoliberal que castiga mais fortemente os países do sul, é significativo que milhares de pessoas de diferentes lugares se reúnam para apresentar **suas idéias e propostas**".

A cidade de Porto Alegre tornou-se, nos dias 23 a 27 de janeiro de 2003, a capital do mundo em ebulição. Representantes de 156 países, dos cinco continentes, fizeram da capital do Rio Grande do Sul – a Porto Alegre de todos os povos, de todas as raças e de todas as esperanças. O grande objetivo dos Fóruns está registrado na sua Carta de Princípios: "O FSM, como espaço de troca de experiências, estimula o conhecimento e o reconhecimento mútuo das entidades e movimentos que dele participam, valorizando seu intercâmbio, especialmente o que a sociedade está construindo para centrar a atividade econômica e a ação política no atendimento das necessidades do ser humano e no respeito à natureza, no presente e para as futuras gerações" (art.12).

É importante termos presente que, dentro da estratégia de mundialização do FSM, se realizaram muitos Fóruns regionais, temáticos e nacionais como preparação ao III FSM: – Os **Fóruns regionais** – nos continentes e macro-regiões, como os Fóruns da Europa, da Ásia, da África e Panamazônico; os **Fóruns temáticos** – de aprofundamento de temas específicos, como os Fóruns da Ar-

gentina (discutiu a crise do modelo econômico neoliberal), o Fórum da Palestina (abordou a crise do Oriente Médio); aconteceram imediatamente antes ao III FSM, em Porto Alegre, o Fórum internacional da Educação, o Fórum dos Parlamentares; também se realizaram os **Fóruns nacionais** que devem ser cada vez mais multiplicados e fortificados conforme a Carta de Princípios do FSM.

### **Instalação e marcha de abertura do III FSM**

A instalação oficial aconteceu na PUC no dia 23/01/03 às 15 horas. A mesa foi composta por uma africana, delegada do Conselho Internacional; Francisco Whitaker, em nome do Comitê Organizador; o prefeito de Porto Alegre, Sr. João Verle; o ministro Luís Dulci, como representante do Governo Federal, comunicando a visita de Lula no dia seguinte; e o governador do Estado do Rio Grande do Sul, Sr. Germano Rigotto. De fato, foi uma cerimônia rápida de boas vindas e acolhimento afetuoso. Foram apresentadas algumas delegações já presentes, entre elas a dos Estados Unidos, com muitos aplausos, composta de mais de mil participantes.

A marcha de abertura do III FSM rumo ao anfiteatro "Pôr do Sol", ao ar livre, à beira do Rio Guaíba, teve como lema a **Paz – contra a militarização e a guerra, contra a ALCA**. No percurso, dezenas de grupos artísticos, entre eles os índios, se mesclavam à multidão fazendo intervenções em favor da paz. Instrumentos de percussão, bandeiras de suas regiões, países e movimentos davam o colorido e o tom de festa na marcha de protesto.

## Programação do III FSM

O III FSM possibilitou a reunião e articulação das mais diversas entidades e movimentos da sociedade civil do mundo, gerando uma onda gigante de cidadania.

A programação do Fórum estava dividida em duas grandes áreas, como mostram os cadernos da programação, oferecidos pela organização: uma primeira área, sugestão da organização do Fórum; uma segunda área, as oficinas e seminários, sob a responsabilidade dos participantes – na escolha da temática, metodologia, divulgação e organização. Todas estas atividades se realizavam em quatro lugares: na PUC, no Gigantinho (estádio), nos Armazéns do Cais do Porto e no Acampamento da Juventude.

A área proposta pelo Comitê Organizador do Fórum em suas várias expressões:

**1. Painéis:** estruturados em cinco eixos temáticos. São por excelência, o mapa de ações e a face pública do FSM 2003 como Fórum da sociedade civil mundial. Trata-se de uma explicitação das grandes questões, propostas e estratégias com sua diversidade de inserções e visões, em sua ação pela mudança da globalização neoliberal e pela emergência de “outros mundos possíveis”. Os cinco eixos temáticos eram:

- a) **desenvolvimento democrático e sustentável;**
- b) **princípios e valores, direitos humanos, diversidade e igualdade;**
- c) **mídia, cultura e contra-hegemonia;**
- d) **poder político, sociedade civil e democracia;**

## e) **ordem mundial democrática, combate à militarização e promoção da paz.**

Cada um dos eixos era contemplado nas quatro manhãs, tomando aspectos interpeladores da sociedade atual, tais como, a título de exemplo: economia solidária, democratizar a democracia, resistência à militarização, combate à intolerância e respeito à diversidade, sobre as cidades, cultura e prática política, a mulher na sociedade atual...

**2. Conferências:** tinham como objetivo socializar visões para o grande público do Fórum 2003. Queriam contribuir para o fortalecimento de um movimento de opinião amplo, voltado para a necessidade, possibilidade e a urgência de construir “outros mundos” diante das ameaças e limites da globalização econômico-financeira do neoliberalismo.

De fato, as grandes conferências, realizadas todas as tardes, no Gigantinho, estavam muito relacionadas com os temas dos painéis:

- Referentes ao **primeiro eixo temático**, tivemos conferências sobre: crise do sistema financeiro internacional; terra, território e soberania alimentar; domínio das corporações.
- Ligadas ao **segundo eixo temático**: fundamentalismos e intolerâncias; direitos, igualdade e diversidade; paz e valores.
- Relacionadas com o **terceiro eixo temático**: cinema e política; contra a homogeneização da imaginação; mídia e globalização.
- Conferências do **quarto eixo temático**: participação e democracia; impunidade.

■ **Do quinto eixo temático:** Como se opor ao império e à guerra.

Alguns nomes, estrelas do pensamento hodierno, desfilarão pelos palanques do Gigantinho, não só abrindo a alma para o mar de ouvintes atentos mas conseguindo a vibração e o entusiasmo condizentes. Citando exemplos dos mais relevantes: Susan George (França); Samir Amim (Egito); Boaventura Santos (Portugal); Ignacio Ramonet (França); Leonardo Boff (Brasil); Eduardo Galeano (Uruguay); Jean Ziegler (Suíça); Adolfo Perez Esquivel (Argentina); Frei Betto (Brasil); Noam Chomsky (Estados Unidos), Fritjof Capra (Áustria)...

**3. Mesas de diálogo e controvérsia:** espaço específico, no interior do FSM, para confrontar visões e propostas dos delegados/as com convidados de partidos políticos, governos e organizações da ONU. Eram questões "quentes" em que o estabelecimento do diálogo e da controvérsia, segundo regras previamente concertadas, possa ser útil na própria explicitação de propostas e estratégias da sociedade civil mundial.

Temas do diálogo e controvérsia nos quatro dias de trabalho:

- Outro mundo é possível? Que globalização e como o mundo deve ser governado?
- Estamos frente a uma crise econômico-financeira: em que consiste esta crise? Que alternativas existem?
- Lacunas e tensões entre movimentos sociais, partidos políticos e instituições políticas: como enfrentar estas questões para alcançar uma democracia participativa?
- Em oposição às guerras do século XXI,

como construir a paz entre os povos?

Deste trabalho de diálogo e controvérsia brota a **Carta pela Paz**, unindo judeus e palestinos. Braços erguidos, mãos entrelaçadas, lágrimas nos olhos... israelenses e palestinos protagonizaram talvez a mais bela e nobre cena do III FSM: "Nós pacifistas israelenses e palestinos, estamos determinados a buscar: paz, justiça e soberania para nossos povos e um final à ocupação israelense nos territórios ocupados em 1967; a criação de um estado palestino independente, lado a lado com Israel; Jerusalém como uma cidade aberta, com capital independente para os dois Estados. Clamamos à comunidade internacional e às Nações Unidas, em particular, para intervir para: colocar um fim à essa situação trágica e um final à violência em ambos os lados; o imediato encaminhamento de negociações de paz"...

**4. Testemunhos:** depoimentos de personalidades - ou grupos de pessoas que atuam numa mesma área - cujas trajetórias exemplares de vida e ação em prol da liberdade e da dignidade humanas apontam caminhos para um novo mundo. São uma forma de valorizar o patrimônio político-cultural do campo das entidades, organizações e movimentos que constroem o FSM.

Alguns testemunhos de vida provocaram maior impacto, talvez pelo fato dos personagens que o proferiam serem mais conhecidos e estimados pelos participantes: Sebastião Salgado (Brasil); Samuel Ruiz (bispo emérito de Chiapas-México); Aleida Guevara (filha do Che

Guevara, Cuba); Gustavo Gutierrez (teólogo do Peru); Bispo Pagura (Argentina); Ministra Marina Silva (Brasil)...

Na segunda área, estavam as **Oficinas e Seminários**: As 1.286 oficinas e seminários ofereciam alimentos para paladares de todos os gostos. Naturalmente as entidades que as promoviam garantiam também sua organização e assistência. Sem dúvida, momento forte para relacionamento pessoal, para conhecimento das experiências mais significativas de que outro mundo é possível, para solidificar a mística e os propósitos das organizações no âmbito internacional.

## Todos os números do Fórum Social Mundial 2003

O Fórum Social Mundial 2003 reuniu cerca de **100 mil participantes** entre delegados, observadores, profissionais de imprensa e ativistas de todo o mundo. É bom lembrar que o primeiro Fórum contou com 20.000 pessoas; o segundo, com 50.000 participantes. A organização, em 2003, registrou um total de 20.763 delegados, representando 5.717 organizações de **156 países**.

Credenciaram-se para a cobertura do evento 4.094 jornalistas de 1.423 veículos, de 51 países do mundo. Deste total 3.262 vieram representando veículos de imprensa, rádio ou tevê e 832 como jornalistas free-lancers. Dos 51 países, o Brasil foi quem enviou o maior número de representantes. Foram 2.131 jornalistas brasileiros que repre-

sentaram 808 veículos. A imprensa italiana foi a segunda mais numerosa, com 153 jornalistas representando 83 veículos. A França com 153 jornalistas de 74 veículos. Destaque para a delegação dos Estados Unidos que enviou 97 jornalistas com 53 veículos.

O FSM 2003 contou com o trabalho de cerca de 650 voluntários.

O Acampamento da Juventude abrigou cerca de 25 mil pessoas, das quais mais de 19 mil foram credenciadas como representantes de cerca de 700 coletivos<sup>2</sup>.

## Temas relevantes

Numa leitura pessoal, destacaria alguns ângulos da reflexão que ganharam mais espaço, tanto pelo número de palestras como pela profundidade das apresentações:

- Tratando-se de uma “usina de idéias sem poluição”, em busca de um novo mundo possível, chama muito a atenção a realidade plural do Fórum – a **diversidade cultural**, com respeito e tolerância. Muitos eram os temas sobre o pluralismo cultural e os projetos de uma nova sociedade. Uma frase do sociólogo português, Boaventura Santos, tenta expressar o desafio: “Temos o direito de ser diferentes cada vez que a igualdade nos descaracteriza. Temos o direito de ser iguais cada vez que a diferença nos inferioriza”.
- A sede de alternativas ao neoliberalismo e a ânsia por um mundo mais justo levavam o pessoal do Fórum a

<sup>2</sup> Havia ainda o Forunzinho das crianças, versão mirim do Fórum Social, realizado num Colégio. Muitos contadores de história se colocaram à disposição para animar as crianças de vários países.

valorizar todas as **experiências que apontavam para uma nova sociedade**. Parecia uma voz uníssona nas tantas conferências, seminários e oficinas, clamando por justiça, paz, solidariedade. As palavras finais da exposição da escritora Suzan George, após uma análise rígida sobre a crise financeira internacional, são animadoras: "aos setenta anos de idade afirmo aos jovens presentes que nunca tive tanta esperança como agora numa nova sociedade; após quarenta anos de militância, pela primeira vez estou vendo um movimento internacional da sociedade civil organizada em prol da justiça".

Também merece relevo a **busca de sentido para a vida**, produzindo uma proliferação de temas relacionados com a ética, as religiões e a teologia. Vejamos: ética e democracia; espiritualidade da resistência e a busca de paz; espiritualidade para os novos tempos; fé e política; mística e revolução; paz e valores; intolerância religiosa e fundamentalismos; cultura negra e teologia na perspectiva de outro mundo possível; o sujeito do novo mundo possível e as estruturas da sociedade...<sup>3</sup>

Foi comovente o momento em que Leonardo Boff propõe rezar a oração de São Francisco pela paz pelos quase 20 mil pessoas, no Gigantinho, pedindo a Deus que ilumine as consciências diante da guerra iminente no Iraque.

Muito importantes foram as celebra-

ções diárias na capela da PUC, os cultos ecumênicos na **Tenda do Encontro**, animados pelos monges beneditinos de Goiás. Tivemos também uma oração interreligiosa no anfiteatro "Pôr do Sol", no domingo, às cinco e meia da manhã - **Encontro de caminhos espirituais para a Paz** que se encerrou propondo um compromisso para trabalhar pela paz nas famílias, nos grupos e em todo o mundo<sup>4</sup>.

## O presidente Lula em Porto Alegre e em Davos

Um tema básico fez a ponte entre os dois Fóruns - o econômico e o social - neste ano: a fome, a questão do empobrecimento. E o artífice da ponte foi o Presidente Lula que se apresentou no Fórum Social Mundial como resultado de um processo histórico, como fruto do FSM. Aliás, por ocasião da posse de Lula, o sociólogo francês, Alain Tourraine, em entrevista à imprensa afirma: "o mais significativo da vitória do Lula é a visibilização da problemática da pobreza no mundo, que a globalização tentou encobrir".

A presença de Lula em Davos, contestado por muitos grupos, teve este propósito. Em nota, ao sair de Porto Alegre a caminho de Davos, diz Lula: "Depois de participar, pela terceira vez, do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, vou a Davos para mostrar que um outro mundo é possível. Davos precisa ouvir Porto Alegre. Do mesmo modo que

<sup>3</sup> Estes temas tiveram que mudar de sala, não raro, para responder à grande demanda de participantes.

<sup>4</sup> Estavam presentes ao III FSM muitos grupos religiosos: das Igrejas cristãs, do budismo, do islamismo, do judaísmo...

é necessário um novo contrato social no Brasil, é preciso um pacto mundial que diminua a distância entre os países ricos e os países pobres. É inadmissível que no início de um novo milênio ainda haja milhões de seres humanos que não tenham sequer o que comer. Por isso, a prioridade de meu governo, no Brasil, é o combate à fome. Vou levar a Davos a mensagem de que os países ricos precisam também distribuir a renda no planeta”.

Seu discurso em Davos segue esta coerência, falando em nome dos participantes de Porto Alegre: “Como o mais extenso e o mais industrializado País do hemisfério Sul, o Brasil se sente no direito e no dever de dirigir aos participantes do Fórum de Davos um apelo ao bom senso... Proponho a formação de um fundo internacional para o combate à miséria e à fome nos países do terceiro mundo, constituído pelos países do G-7 e estimulado pelos grandes investidores internacionais. Isto porque é longo o caminho para a construção de um mundo mais justo e a fome não pode esperar”.

O Fórum de Porto Alegre nasceu como contraponto a Davos. Cada vez mais Porto Alegre, na caminhada, produziu a inversão - ao crescer em quantidade de participantes e em qualidade de propostas, engravidando a humanidade de uma nova esperança. Um sinal expressivo é o aumento do número de jovens em Porto Alegre, integrados e partici-

pantes ativos, enquanto em Davos os jovens são excluídos e reprimidos.

## **A presença da Igreja Católica no Fórum Social Mundial**

De fato, não houve um planejamento da Igreja Católica como instituição para se apresentar no Fórum<sup>5</sup>. No entanto, muitas iniciativas podem ser detectadas, sobretudo a partir da presença significativa de religiosos e religiosas, de padres e de cristãos leigos/as. O comparecimento do presidente da CNBB, Dom Jaime Chemello, na instalação do Fórum, apresentado aos participantes pelo Chico Whitaker, levou os jornais e a TV Radiobrás a entrevistá-lo, mostrando para o Brasil que a CNBB valoriza o evento. Outros Bispos também colaboraram nas reflexões: Dom Demétrio Valentini, Dom Mauro Morelli, Dom Pedro Luís Stringhini, Dom Tomás Balduino, Dom Franco Masserdotti...

A Caritas realizou um Seminário com o tema: “A sociedade civil e a construção das políticas sociais em âmbito mundial”. Também compôs uma oficina sobre a economia popular solidária. A Associação Nacional dos Presbíteros promoveu uma oficina de debate sobre as atribuições sociais dos padres brasileiros, com um grande número de padres, motivados também pelos nomes convidados - Gustavo Gutierrez, Mariano Puga (do Chile), José Comblin, Inácio Neutzling... O Conselho dos leigos da arquidiocese de São Paulo realizou um

<sup>5</sup> A participação da Comissão Brasileira de Justiça e Paz, através do seu secretário executivo, Francisco Withaker, como membro do Comitê Organizador, é a presença mais visível da Igreja nesta dinâmica de busca de alternativas para uma nova sociedade.

seminário sobre a Caridade. O mutirão contra a Fome da CNBB foi co-responsável pela oficina: **Jam da alimentação**. O Movimento em Defesa da Família e da Vida realizou uma oficina sobre a "Globalização e o controle da População". A Associação dos juristas católicos fez uma oficina sobre a Universalização dos Direitos. O acampamento dos jovens também realizou debates sobre a militância e a espiritualidade. A CRB realizou uma tarde de oração...

Seguramente a lista das iniciativas de organismos eclesiais com atividades no Fórum é bem maior.

Muitos dos trabalhos apresentados no FSM são também fruto da ação das igrejas; no caso do Brasil, são também consequência dos trabalhos da Igreja Católica, qual fermento que se visibiliza através da caminhada das pastorais sociais, das Comunidades Eclesiais de Base...

## Repercussão nos Meios de Comunicação

O próprio Fórum dava notícias dos acontecimentos diários num jornal que circulava entre os participantes. Os dados referentes à grande quantidade de veículos de comunicação de muitos países presentes ao evento (cf. os números do FSM) já expressam o interesse que o evento proporcionou. No Brasil, alguns dos grandes jornais publicaram cadernos especiais sobre a caminhada do Fórum; também foram publicados muitos artigos escritos pelos formadores de opi-

nião<sup>6</sup>. A Radiobrás transmitiu ao vivo as conferências e os debates. Muitas pessoas acompanharam as reflexões pela Internet...As revistas semanais e mensais, assim como a irradiação das idéias do Fórum através dos delegados/as, em palestras e debates, seguramente farão chegar a um público maior a esperança de outro mundo possível.

## Limites e riscos do FSM

O risco de uma certa euforia no FSM é real. Talvez não sem motivos. Como não ficar eufórico ao descobrir tanta gente empenhada em construir uma nova sociedade? Como não ficar eufórico ao percebermos sinais de uma globalização solidária onde o respeito às diferenças já é uma realidade vivida? No entanto, não temos o direito de pensarmos que o Reino de Deus já está definitivamente instalado, embora estivessem presentes muitos sinais do Reino no FSM.

Há um longo caminho a percorrer e neste caminho, que se constrói em conjunto, muitos obstáculos perpassam a estrada. Requer espírito de perseverança, resistência e a esperança contra toda esperança.

Chico Whitaker, em texto publicado na revista do IBASE, **Democracia Viva - jan./03**, preparando a terceira edição do Fórum, tece considerações sobre as **tensões internas** que criam riscos para os avanços já constatados no FSM. Primeiro, diz ele, os partidos políticos ain-

<sup>6</sup> Algumas das publicações na grande imprensa apresentaram críticas ao Fórum - ou explicitando aspectos secundários em estilo sensacionalista ou expressando posições contrárias às defendidas no evento.



do cogitam a possibilidade de se transformarem numa diretoria do movimento cívico<sup>7</sup>. Querem obter a necessária *reabilitação do político* pela *partidarização* dos movimentos sociais. Tal preocupação pode até ser válida numa perspectiva de eficiência transformadora... As organizações partidárias, no entanto, por vezes não se dão conta que a riqueza do processo do Fórum – e a atração que exerce – decorre exatamente de não obter corpos diretivos, de ninguém falar em nome do Fórum, de não terminar com palavras de ordem – aliás novidade que também a Mídia tem enorme dificuldade de entender... Outro desafio: a necessidade de mudanças de práticas e comportamentos dos seres humanos – que aliás, têm a ver com as lutas partidárias internas – para que se consiga realmente construir um outro mundo... Como se desvencilhar das lógicas e das práticas de rivalidade e poder? Como fazer a relação entre transformação pessoal e transformação coletiva?...

### Expressões culturais

O caderno de orientação cultural do FSM é pródigo em variedade de opções para atender à diversidade dos seus participantes. Teatros livres nos pátios da PUC, em várias línguas; abundância de material de artesanatos de diferentes culturas (negros, índios)... Merece atenção, entre as tantas iniciativas criati-

vas, a *Bandeira das Bandeiras*, fazendo parte do Museu vivo da diversidade. Trata-se da unificação das bandeiras dos vários países costuradas numa só Bandeira que passava pelas mãos dos delegados/as do Fórum durante as conferências do Gigantinho, simbolizando a multiculturalidade do evento.

Outra iniciativa original – *domingo de Rua*. Uma entidade presente ao Fórum dividiu seus delegados/as em seis grupos que se deslocaram para seis praças de Porto Alegre, no domingo à tarde, para ouvir o povo sobre “qual o Brasil e o mundo que queremos? Paz, democracia e diversidade”.

### Resoluções da reunião de Porto Alegre<sup>8</sup>

O Conselho Internacional (CI) do FSM se reuniu, em Porto Alegre, e apresentou orientações para a continuidade dos Fóruns. Reafirmou todos os princípios adotados até então, assim como sua metodologia. Estimula a multiplicação de Fóruns regionais, nacionais e locais, os Fóruns temáticos... Decide realizar o IV FSM na Índia, em 2004, levando em conta a possibilidade de maior participação de entidades asiáticas e africanas. O V FSM, em 2005, será novamente em Porto Alegre. Outra decisão do CI é que os encontros do FSM não estarão mais vinculados às datas do Fórum Econômico em Davos.

<sup>7</sup> Um caso típico neste III FSM foi a tentativa do Presidente Chávez, da Venezuela, que se fez presente em Porto Alegre tentando envolver os participantes para seus interesses políticos. De fato, sua presença teve pouca repercussão.

<sup>8</sup> Ainda não está disponível o quadro das propostas apresentadas pelas oficinas, seminários e painéis por ocasião do FSM.

## Encerramento

No largo Zumbi dos Palmares, no centro de Porto Alegre, após uma **marcha pela paz contra a guerra e contra a ALCA**, a comunidade do Fórum se encontrou, em conjunto, pela última vez. Num clima de festa, no colorido das bandeiras de tantos países e de faixas sugestivas, o Comitê organizador e o prefeito de Porto Alegre usaram da palavra

com pronunciamentos de despedida e expressando a expectativa dos próximos encontros. No entanto, o encerramento do III Fórum se deu oficialmente na entrevista de imprensa, da direção evento, no dia seguinte, na PUC.

---

Endereço do autor:

Cx. Postal: 02067

70259-970 BRASÍLIA - DF

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Como mobilizar pessoas e comunidades para assumirem, na prática, os grandes temas e as perspectivas de mudanças discutidos no Fórum?
- 2- No seu contexto, quais os desafios apontados pelo Fórum que têm maior relevância? Como tratar de responder a eles?

**“Depois de participar, pela terceira vez, do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, vou a Davos para mostrar que um outro mundo é possível.”**



CRB

## Marcos Indicadores

IMPRESSO ESPECIAL  
CONTRATO  
Nº 050200140-2/2002

ECT/DR/RJ  
CRB

Há uma esperança para o teu futuro!

Há setas indicando o caminho... *Jr 31, 17.21*

por isso, finca bem as estacas, desdobra a lona,

estica as cordas, amplia o espaço... *Is 54, 2*

---

Neste horizonte de esperança, a CRB se compromete a animar e assessorar o processo de refundação da Vida Religiosa, sinalizando o caminho através desses marcos:

1. Espiritualidade integradora como experiência de itinerância, vivida na dinâmica pascal.
2. Opção preferencial, audaciosa e atualizada, pelos empobrecidos e excluídos.
3. Comunidade, antídoto contra o individualismo, espaço de irmandade, crescimento, discipulado, solidariedade.
4. Formação para ser presença profética na realidade, comprometer-se e deixar-se evangelizar.
5. Abertura às interpelações das novas gerações em sua diversidade cultural.
6. Novas relações de gênero e etnia tecidas no respeito e valorização do diferente.
7. Intercongregacionalidade, trabalho em rede e parcerias com leigos e diversos organismos em vista da solidariedade.
8. Análise institucional a partir do carisma e em vista da pessoa e da missão.
9. Apoio a novas formas de consagração e de pertença aos carismas.
10. Dinamização e operacionalização do Projeto da CLAR "Pelo Caminho de Emaús".
11. Resposta generosa e presença inculturada na missão além-fronteira.

A nós, irmãs e irmãos de todo o Brasil, cabe a responsabilidade de transformar em vida profética e missionária o que o Espírito nos propõe neste momento. Nesta esperança, sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida, avançamos para o futuro.

(Texto final aprovado pela XIX Assembléia Geral Ordinária da CRB, celebrada em São Paulo, de 09 a 13 de julho de 2001.)

---